

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Maio de 1926

N.º 17

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARY:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRÁTICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geographia. 3 — Physica. 4 — Geometria. 5 — Educação civica e moral. 6 — Linguagem oral. 7 — Historia do Brasil. 8 — Physiologia.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Farinhas. 2 — Enxertia. 3 — A póda. 4 — Plantas parasitas e animaes nocivos. 5 — A tinturaria. 6 — A casa. 7 — A gomma arabica. 8 — As nuvens.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Educação physica nas escolas. 3 — Festas escolares. Passeios. 4 — Educação infantil.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — O bom caminho. 2 — Os protectores. 3 — O papagaio de papel de seda. 4 — O leão e a pulga. 5 — Como os sinos tangeram. 6 — O avô. 7 — Não maltratemos os animaes. 8 — O jardim da vovô. 9 — O rato e o sapo. 10 — Tiradentes.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA — Jogos escolares: 1 — Aeroplanos. 2 — Passarinhos aprendendo a voar. 3 — O crescer das flores. 4 — O vento. 5 — O linho. 6 — Uma visita ao jardim zoologico.

VULTOS E FACTOS: 1 — Bernardino de Campos.

ESCOTISMO.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — Diabos a dar e vender. 2 — A "Yara." 3 — Episodios de caçadas. 4 — "Pae João." 5 — A onça e o macaco.

LIVROS, REVISTAS ETC.: 1 — "Pensar e dizer." 2 — "Lecture preparatoire."

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Varios despachos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil
1926

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Maio de 1926

N.º 17

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — maio — 1926.

Não ha muito que nossas escolas primarias, seguindo os preceitos dos pedagogistas e obedecendo ás leis da Psychologia infantil, vêm applicando o methodo intuitivo em substituição ao obsoleto systema da memorização inconsciente, esteril.

O feliz exito dessa nova orientação imprimida ao ensino, não se fez esperar: em breve, uma aura benefica, perpassando em cada escola, penetrando em cada cerebrozinho, despertou-o da sua passividade, pôl-o em plena eclosão de suas funções; tornou-o, enfim, capaz de agir, autonomo, á luz da instrucção a illuminar-lhe todos os escaninhos.

Identificados com os processos inherentes a tão excellente methodo, os nossos professores, salvante o exagero da hyperbole, podem hoje exclamar com Rousseau: "Coisas e não palavras!"

O poder didactico da intuição é unanimemente reconhecido pelos educadores e dia a dia comprovado pela experiencia, para que sobre elle nos detenhamos em fastidiosas explanações. Cumpre, entretanto, dizer que o processo intuitivo, aliás adoptado, desde tempos remotos, por Comenius, Pascal e muitos outros luminares do ensino, além de dever subsistir sempre na escola primaria, precisa sêr cada vez mais aperfeiçoado, cada vez mais effi-



cientemente applicado, de modo a responder á sua finalidade educativa. Em consequencia, são indispensaveis ao professor que o applica, os elementos materiaes empregados na objectivação do ensino.

Convém ainda considerar que o alumno dirigido por tal processo, habituado a vêr, a observar, a fazer, não dispensa o concurso dos objectos relacionados com a materia que está aprendendo; elle reclama, com justa razão, esse auxilio, porque nelle vê a possibilidade de assenhorar-se do assumpto, comprehendel-o melhor, satisfazer, em summa, o seu desejo de saber, desejo, aliás, despertado pela propria natureza do processo. E estes factos mais evidenciam a excellencia do methodo intuitivo: a disposição de espirito, o dominio da attenção, a actividade intellectual, eis, entre outros de ordem moral, os effeitos que delle promanam e são directamente aproveitados em beneficio da cultura e instrucção da criança.

Do exposto decorre naturalmente a necessidade do MUSEU ESCOLAR, que toda escola deve e póde possuir, e onde mestres e alumnos encontrem os elementos necessarios para que o ensino se realize dentro das normas reclamadas pelo processo referido.

A' primeira vista parece impraticavel a installação de MUSEUS ESCOLARES nos estabelecimentos de ensino primario, pelo dispendio que reclamam, por exigirem uma despesa quasi fantastica, tal o numero condideravel de escolas disseminadas pelo Estado. Entretanto, não ha difficuldade tão facil de resolver como esta. E, por mais paradoxal que pareça a asserção, ella se justifica, como veremos.

Effectivamente: em primeiro logar, trata-se de modestos museus, onde apenas haja o estrictamente essencial

para o ensino infantil; em segundo lugar, o aqodamento e a solicitude com que cada alumno irá ao encontro do apello do professor, concorrendo com qualquer especimen, com qualquer objecto, em pouco tempo transformarão em facilidades o que até então representava difficuldades.

Assim, em cada estabelecimento de ensino, em cada escola publica, graças á collaboração dos proprios alumnos, os MUSEUS ESCOLARES serão uma realidade e prestarão inestimaveis serviços á educação da infancia.

O esforço dos professores nesse sentido, despertando em seus alumnos o estimulo, não pôde deixar de surtir o desejado effeito, pois sabido é o prazer com que as crianças attendem a solicitações dessa natureza.

Demos, portanto, inicio á organização do MUSEU ESCOLAR em todas as escolas do Estado, e assim terão ellas mais um elemento poderoso para o progresso e aperfeiçoamento do ensino publico paulista.





LIÇÕES PRÁTICAS

ARITHMETICA

VALOR DUMA FRACÇÃO

(RECAPITULAÇÃO)

Aquelles que detestam Arithmetica, ou que dizem não ter inclinação pela mathematica, devem isto ao ensino deficiente ou defeituoso, nos primeiros annos escolares, aos methodos que embaraçam o movimento natural da mente, ao amontoado de regras e fórmulas, que não encaminham á conquista do conhecimento.

Professor. — Porque vocês discutiam tanto no recreio?

Alumno. — Dois meninos do primeiro anno estavam brigando, por causa da metade duma laranja. Um dizia que o outro tinha ficado com a *metade maior*.

P. — Mas, si uma das partes era maior que a outra, ellas não eram *metades*, não acham?

A. — Foi justamente o que nós estávamos querendo lhes provar.

A. — Só si fossem metades de duas laranjas differentes, deseguaes.

P. — Muito bem, Mario; é isso mesmo! Tome agora estas maçãs. As maçãs são mais facéis de cortar que as laranjas. Divida cada uma dellas ao meio.

A. — Uma das maçãs é bem maior que a outra.

P. — E as partes, as metades, serão eguaes?

A. — Não, senhor.

P. — Si você tivesse que escolher, que metade escolheria?

A. — A metade da maçã maior, que será por certo a metade maior.

P. — (Dando duas maçãs eguaes.) Agora, as maçãs são eguaes, não são?

A. — São, sim, senhor.

P. — Divida uma destas maçãs em *duas* partes, e a outra em *quatro*.

A. — Prompto, professor.

P. — Que pedaço escolheria você agora?

A. — Um pedaço da maçã que foi dividida em *duas* partes.

P. — Porque?

A. — Porque é maior do que qualquer pedaço da outra.

A. — E' o dobro dos outros pedaços.

P. — Mas, as maçãs não eram eguaes?

A. — Sim. Mas uma foi dividida em *duas* partes, em meios; a outra foi dividida em *quatro* partes, em quartos.

A. — Quanto mais partes, menores os pedaços, as partes.

P. — Muito bem. O valor, então, do *pedaço* ou *fracção*, depende primeiro do *tamanho*, ou *grandeza* da coisa a sêr repartida; segundo, do numero de partes em que foi dividida a unidade, o todo.

A. — A *metade* duma coisa pequenina pode sêr menor que um *oitavo* de outra muito maior, não é, professor?

P. — Justamente. E não póde acontecer o contrario?

A. — Póde: um *oitavo* dum objecto póde tambem sêr muito maior do que uma *metade* dum outro objecto muito menor.

P. — Qual é mais: a metade de 60\$000 ou a metade de 50\$000?

A. — A metade de 60\$000. E' mais, porque a quantia de 60\$000 é maior que 50\$000.

P. — Qual é mais: um decimo, ou um quarto de 100 carneiros?

A. — Um quarto é mais. Porque quanto menos partes, maiores serão estas, si o numero dividido fôr o mesmo.

P. — José recebeu $\frac{1}{8}$ de 120\$000, e Paulo recebeu $\frac{1}{8}$ de 40\$000. Quem recebeu mais?

A. — José recebeu mais.

P. — Como sabe? Os dois não receberam *um oitavo*?

A. — Sim, mas José recebeu $\frac{1}{8}$ de quantia, de unidade maior; de 120\$000, que são 15\$000; ao passo que Paulo recebeu $\frac{1}{8}$ de 40\$000, que são 5\$000.

GEOGRAPHIA

NOSSAS FRONTEIRAS

“Conhecer a Patria, para melhor servil-a e amal-a.”

Professor. — Lembram-se em que ponto ficámos, na ultima lição de Geographia.

Alumno. — (Olhando o mappa.) Iamos tratar do Acre ... Bem grande é o Territorio do Acre!

A. — E que porção de kilometros queriam nos tirar!

P. — Não é só no tamanho que o Acre é importante; a sua riqueza, a sua producção, é colossal.

A. — Producção de que?

P. — De borracha, principalmente.

A. — E mesmo que fôsse uma região pobre, era nossa, tinhamos direito a ella, não é mesmo, professor?

P. — Certamente. Mas, não foi tão facil provar que tinhamos esse direito. Devemos a posse do Acre, assim como muitos outros revelantissimos serviços prestados na demarcação das nossas fronteiras, ao saudoso estadista Barão do Rio Branco. Conhecem-n-o?

A. — Porque não! O senhor já nos falou d'elle. Ali está o seu retrato, naquella parede.

P. — E quem foi esse grande homem? Quem sabe?

A. — Elle foi ministro das relações exteriores.

P. — Justamente. Para representar o Brasil no exterior, tres presidentes o escolheram, successivamente. O Congresso conferiu-lhe o titulo de “Benemerito brasileiro.”

A. — Para poder sustentar nossos direitos perante nossos vizinhos, elle teve que estudar bem a nossa Geographia!...

P. — Não só a Geographia, como a Historia do Brasil. A sua divisa era: "*Conhecer a Patria, para melhor amal-a e servil-a.*"

A. — Ha de sêr mesmo ruim a gente não conhecer a Geographia de seu paiz.

P. — Só depois de proclamada a Republica, começou a sêr effectuada a regularização definitiva das nossas fronteiras.

A. — E agora está tudo marcado?

P. — Sim, graças ao esforço de benemeritos brasileiros, como: o Barão do Rio Branco, Barão de Aguiar Andrade, Dr. Dyonisio Cerqueira, Dr. Assis Brasil, Nabuco de Araujo e muitos outros.

A. — Tivemos muitas questões com vizinhos, por causa de limites?

P. — Tivemos, sim, mas foram todas resolvidas pacificamente.

A. — Antes assim!

P. — Começemos pelo extremo norte. Quaes são os nossos vizinhos do norte? Olhem o mappa.

A. — As Guyanas Franceza, Hollândeza e Ingleza.

P. — Com a França, por causa da sua Guyana, tivemos uma questão, chamada do *Amapá*, que durou duzentos annos.

A. — Quanto tempo!

P. — O presidente da Suissa foi o arbitro, o juiz escolhido. Nosso advogado foi o Barão do Rio Branco. Em 1900, a questão ficou decidida.

A. — A nosso favor?

P. — Sim, e desse modo entrámos na posse definitiva de 260.000 km². (Mostrando no mappa). E' esta faixa junto ao Atlantico, entre os rios Oyapock e Araguay.

A. — E com a Guyana Hollandeza?

P. — Os limites foram demarcados em 1906, sem questões. Já com a Guyana Ingleza não aconteceu o mesmo.

A. — Quem foi o arbitro?

P. — O rei da Italia, que, em 1904, dividiu igualmente o territorio em questão.

A. — Não quiz desagradar a ninguém.

P. — Qual é o outro nosso vizinho ao norte?

A. — A Venezuela.

P. — Os nossos limites com a Venezuela foram firmados em 1907, felizmente sem complicações.

A. — Ainda bem que tenhamos vizinhos que não sejam briguentos!

P. — Que paizes confinam com o Brasil, a leste?

A. — Uma porção: Colombia, Perú, Bolivia, Paraguay, Argentina e Uruguay.

P. — Vejam quaes são os paizes da America do Sul que não confinam com o Brasil?

A. — Só o Chile e o Equador.

P. — O Perú e o Equador têm pendente uma questão de limites. Si a solução fôr favoravel ao Equador, esta republica passará a sêr limitrophe do Brasil.

Com a Colombia e o Perú firmámos nossos limites, em 1907. Com a Bolivia tivemos forte questão, mas felizmente foi resolvida.

A. — Qual era a questão?

P. — O erro na nascente dum rio foi a principal causa. Em 1903, em Petropolis, os representantes dos dois governos assignaram um tratado pelo qual a nossa fronteira com a vizinha republica soffreu sensivel modificação, felizmente vantajosa para o Brasil que ficou com o Acre.

A. — O Territorio do Acre ficou sendo definitivamente nosso. Que bom!

A. — E com o Paraguay?

P. — Logo depois da guerra do Paraguay, foram determinadas as nossas fronteiras com esse paiz.

Em 1909, ainda o Barão do Rio Branco firmou os limites com o Uruguay, cedendo áquelle paiz a margem occidental da Lagôa-Mirim e a occidental do Rio Jaguarão.

A. — Que bom para o Uruguay!

A. — E com a Argentina?

P. — Em 1895 o presidente dos Estados Unidos, em sentença arbitral, resolveu favoravelmente para o Brasil a velhíssima *Questão das Missões*.

A. — E quantos kilometros lucrámos ahí?

P. — 30.622 km.,² que estavam em litigio desde os tempos coloniaes.

A. — Que porção de tratados de limites foram assignados entre os annos de 1900 a 1909!...

A. — Com o nosso vizinho o Oceano Atlantico, ainda não tivemos questão!...

P. — E' verdade, mas ás vezes, elle, furioso, encapellado, invade o nosso territorio. E o peor é que não attende a arbitros.

PHYSICA

QUALIDADE DOS CORPOS

I

O successo desta lição depende da variedade de objectos que se tiver para sua illustração. Esses objectos, sendo guardados em logares differentes, aguçarão a curiosidade e o interesse pela lição.

Alumno. — Que porção de caixas!

A. — Estôu curioso para saber o que ha nellas!

Professor. — Vamos, então, satisfazer a sua curiosidade. Abra essa caixa que está mais perto de você.

A. — (Pegando-a.) Está vazia.

P. — Porque?

A. — Porque é tão leve!

P. — Abra-a para vêr.

A. — (Abrindo-a.) Por isso é que era tão leve! Está cheia de pennugem.

P. — Como soube você que a caixa era leve?

A. — Logo que a peguei, eu senti.

P. — Dê o nome de outra coisa leve.

A. — A paina.

A. — O algodão.

P. — Quando alguma coisa não é *leve*, dizemos que é...

A. — *Pesada*.

P. — Que objectos conhecem vocês que sejam pesados?

A. — O ferro.

A. — O chumbo.

P. — José, abra essa outra caixa e dê a Mario o que está dentro della. Mas, primeiro, feche os olhos, Mario.

Agora, veja si é capaz de dizer no que é que você está pegando, Mario.

A. — E' lixa. Não póde sêr outra coisa!

P. — Como sabe?

A. — Porque senti com os dedos. Arrepia a gente.

P. — E' desagradavel ao tacto. Agora, passe a mão nisto. (Dá-lhe uma folha de papel alnaço.) Tem você a mesma sensação?

A. — Não, senhor. Isto é liso, é agradavel ao tacto.

P. — Quem lhe contou que o papel era differente da lixa?

A. — Os dedos, o tacto.

P. — Vejamos, aqui nesta caixa, o que encontram vocês que seja *liso*.

A. — Esta face do oleado é *lisa*.

A. — Este vidro.

A. — A madeira envernizada.

A. — A superficie do lapis.

A. — São todas *coisas lisas*.

P. — Vamos procurar coisas parecidas com a lixa, *superficies asperas*.

A. — Este pedaço de madeira, onde serraram, está bem *aspero*.

A. — Este pedaço de porcellana é *aspero* no lugar onde se quebrou.

A. — Antes era todo lisinho.

P. — Deixe cair esse pedaço de chicara que você tem na mão, Manoel.

A. — Si eu o deixar cair, quebra-se.

P. — E si você deixar cair a madeira, o pau, acontecerá o mesmo?

A. — Não, senhor. A madeira não se quebra.

P. — Esses objectos que se quebram com facilidade, chamam-se *frageis*.

A. — E os que não se quebram?

P. — São *resistentes*.

A. — Os lapis têm uma parte *fragil*, que é a ponta com que escrevemos; e uma parte *resistente*, que é a madeira do lapis.

P. — Vejamos outras coisas que têm essa propriedade *fragil*, que se quebram com facilidade.

A. — Aqui emcima da mesa: giz, copo e moringue.

P. — O giz, o vidro e o barro são substancias *frageis*.

A. — Que bom... ha mais coisas resistentes do que *frageis*!

A. — E quando não se quebram, mas se *esmigalham*, como o biscoito?

P. — Os corpos que se desfazem, se esfarelam, são *friaveis*.

Venha, Carlos, pôr dentro desta vasilha com agua, tudo quanto você encontrar nesta caixa.

A. — (Abrindo a caixa.) Quanta coisa! Uma esponja, uma pedrinha, uma campainha, algodão, mata-borrão, um prego, retalho de fazenda e uma penna de escrever!

A. — E' para pôr tudo isto na agua?

P. — Sim, senhor, e reparar o que acontece com esses objectos todos.

A. — A agua entra em alguns, e outros ficam molhados só por fóra.

P. — Em quaes delles é que a agua entra?

A. — Na esponja, no algodão, no mata-borrão, no retalho.

A. — Estes chupam a agua.

P. — E quaes os que não absorveram a agua?

A. — Na pedra, na campainha, no prego e na penna não

entrou agua.

P. — Os corpos como esses, que chupam, absorvem, embe-
bem a agua ou outro qualquer liquido, são chamados *corpos*
absorventes.

A. — E os que não chupam, como se chamam?

P. — São chamados *não absorventes*. *Impermeaveis* são os
que não só não chupam, como não se deixam atravessar pela
agua.

A. — A borracha é impermeavel.

A. — A cera é impermeavel.

P. — Vamos agora guardar tudo isto nas caixas, porque
estamos na hora doutra lição.

A. — Que pena!

A. — Quando iremos vêr o que está nas outras caixas?

P. — Logo. Talvez amanhã ou depois.

GEOMETRIA

AREA DO CIRCULO

(RECAPITULAÇÃO E NOVAS NOÇÕES)

*Felizes os alumnos cujos professores tenham
aprendido a generalizar o ensino objectivo — a con-
cretizar bem certas disciplinas!*

(Sobre as carteiras, círculos de papel de côr. Os centros
devem sêr bem assinalados.)

Professor. — Que têm vocês sobre as carteiras?

Alumno. — Circumferencias.

A. — Não, senhor; são círculos. (Mostrando.) Esta linha
de fóra, sim, é a circumferencia. A rodela é um círculo.

P. — Muito bem! O espaço, a superficie, o papel, fórma
o círculo... E esse pontinho, que a ponta do compasso fez,
ahi no meio, como se chama?

A. — E' o centro da circumferencia e do círculo tambem.

P. — Tomem os papeis e dobrem-n-os, bem pelos centros. Depois de bem certos, assignalem a linha com a unha.

A. — Prompto. Ficou o circulo dividido em dois semi-circulos.

P. — E por onde se verifica essa divisão?

A. — (Mostrando.) Por esta linha, que ficou riscada.

P. — Como se chama essa linha?

A. — O diametro.

P. — Agora, dobrem outra vez o papel, dividindo os semi-circulos ao meio.

A. — Pelo centro, não é?

P. — Por certo... Como ficou dividido o nosso circulo?

A. — Em quatro partes.

A. — Em quatro quadrantes.

A. — Em quatro angulos rectos.

P. — Vamos abrir os circulos. Estas linhas pelas quaes dividimos o circulo em quatro partes eguaes, o que são da circumferencia?

A. — São raios.

P. — Dobrem os circulos de novo, como estavam.

A. — Formando os quatro angulos rectos?

P. — Sim... dobrem novamente ao meio. Lembrem-se que estamos sempre dobrando e seguindo... o que?

A. — Os raios.

P. — Vou eu agora abrir o meu circulo para contarmos quantos raios estão marcados. Conte-os, Raul.

A. — Eu sei sem contar. São oito raios.

P. — Como está dividido o circulo?

A. — Em triangulos.

P. — Quantos? Conte, aqui no meu circulo, que está dobrado.

A. — (Contando.) São oito triangulos.

A. — Oito raios e oito triangulos.

P. — Vamos dobrar novamente cada triangulo ao meio.

A. — Teremos marcado dezeseis raios.

A. — E dezeseis triangulos.

P. — Que aconteceu, cada vez que dobrámos?

Anna de Oliveira

A. — Ficámos com mais triangulos.

P. — E os triangulos ficaram maiores ou menores?

A. — Cada vez menores. Cada vez com a metade do tamanho que tinham, antes de serem dobrados.

P. — E quanto menores vão ficando, menos se notará a curvatura do pedaço de circumferencia que fórma o lado menor do triangulo. Observem.

A. — E' mesmo! O arco, aqui nestes triangulos, parece uma recta.

A. — E como os triangulos têm um angulo bem agudo!

P. — Vamos dobrar o nosso circulo mais uma vez.

A. — Temos marcado 32 raios e 32 triangulos.

A. — Agora é que os arcos parecem ainda mais rectos.

A. — Si a gente não soubesse que eram arcos, pedaços de circumferencia, diria que eram rectas.

P. — Abram de novo os circulos. Cada um destes nossos circulos contém o que?

A. — Contém 32 triangulos encontrando-se no centro.

P. — Portanto, para sabermos que area occupa o nosso circulo, basta saber a area de um dos triangulos.

A. — E multiplicar por 32?

P. — Justamente... Lembra-se você, Mario, como achamos a area, a superficie do triangulo?

A. — Sim, senhor. E' igual á metade do producto da base pela altura.

P. — Qual será a base dos nossos triangulos?

A. — E' este pedacinho, aqui.

A. — O pedacinho do arco, que parece uma recta.

P. — E a altura?

A. — A altura é o raio.

A. — Eu posso fazer a conta.

P. — Venha, então, fazel-a.

A. — A base mede 0,^m020 e a altura 0,^m096. (Fazendo o calculo.) A area é igual a 0,^m000960.

P. — Essa é a area do que?

A. — De um dos triangulos.

P. — No circulo todo quantos triangulos nós temos?

Area do Circulo

A. — Trinta e dois; portanto, 32 vezes essa area, isto é, $0,^{m^2}030720$.

P. — Muito bem: o seu calculo está certo, mas ha um modo mais rapido de fazel-o. Vejamos. A base do triangulo o que é?

A. — E' o arco.

P. — E a somma de todas as bases o que será?

A. — A circumferencia.

P. — Então, multiplicaremos a circumferencia pelo raio dividido por 2.

A. — Pela metade do raio.

A. — Vamos fazer a conta outra vez, desse modo?

P. — Sim. Faça-a, então, você.

A. — A circumferencia toda é igual a $0,^{m^2}0064$ multiplicados por metade do raio, isto é, $0,^{m^2}048$; é igual a $0,^{m^2}030720$. Deu a mesma coisa.

EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL

DIREITOS DO CIDADÃO BRASILEIRO

“Todo aquelle que se julga com direito e não sabe usal-o, é indigno delle.”

O presente ponto do programma é muito util. Necessario é que todos os brasileiros conheçam os direitos que a nossa Constituição lhes concede, afim de que saibam usal-os com dignidade. E onde poderão adquirir tão util conhecimento? E' claro que ha de sêr na escola. E' ensinando ás crianças, mostrando-lhes quaes os seus deveres e os seus direitos, que formaremos cidadãos uteis a si, á sociedade e á patria.

Para dar a presente aula, o professor precisa lêr e interpretar o art. 72 e §§ da Constituição.

Embora seja uma aula para classe adelantada, afim de quebrar a sua natural monotonia e desper-

Banks

B

Wine

Wine

Sticks

Wine

Wine

Quadrant

Sandals

tar a maxima attenção dos alumnos, leia o professor um paragrapho, cada vez, e ao interpretal-o, entre-meie as suas explicações com exemplos praticos, contos e episodios interessantes da nossa Historia.

Professor. — Vocês todos já sabem como se chama este livro, não é assim? Como é mesmo o nome d'elle, João?

Alumno. — *Constituição.*

P. — Sim. Você sabe o que é uma Constituição, Modesto?

A. — E' um livro onde estão escritas todas as leis para o governo dum povo e ás quaes todos devem obedecer fielmente.

P. — Muito bem. E' aqui neste livro que estão escritas muitas regras, que vocês precisam conhecer e seguir. Ha aqui tambem muitos direitos que vocês adquirem.

A. — *Direitos?* Que quer dizer isto, professor?

P. — Direito é a faculdade que tem o homem de agir, dentro da lei. Compreendeu?

A. — Não, professor.

P. — Quero dizer que o homem pôde praticar um acto, ou deixar de pratical-o, conforme a Constituição, ou a lei, permitir ou não permittir. Assim, elle pôde agir ou deixar de agir, respeitando sempre a lei: eis o seu *direito*.

Muita attenção todos. Eu vou lêr, para vocês ouvirem, o primeiro direito do cidadão brasileiro.

(Em seguida, o professor seguirá a orientação mencionada na introdução desta aula, devendo, para não cansar as crianças, ensinar-lhes um ou mais paragraphos por dia.)

LINGUAGEM ORAL

VERBO SÊR

(CLASSE ADEANTADA)

Os bons resultados colhidos na sala de aula, não provêm de encher o cerebro das crianças de factos, mas de ensinal-as a pensar.

Professor. — Julio, quando você olha para a photographia dum amigo, de quem é que você se lembra?

Alumno. — Do amigo cujo retrato eu vejo.

A. — A's vezes, a gente imagina estar vendo a propria pessoa que o retrato representa.

P. — Mas, você bem sabe que a photographia não é a pessoa.

A. — Sei, sim, senhor.

P. — Dá-se um caso parecido com as palavras.

A palavra *cavallo*, por exemplo, traz á nossa mente o animal que tem esse nome.

A. — E' verdade, professor.

P. — Precisamos olhar, através das palavras, as coisas que ellas representam. E' o que fazemos quando escutamos, ouvimos, isto é, recebemos palavras.

A. — E quando falamos, não é assim?

P. — Não: a pessoa que fala faz o contrario: pensa nas coisas, para depois represental-as por *palavras*...

Eu conheço um homem chamado *Manoel Azevedo*. Também sei que elle é *lavrador*. Para lhes contar isto, numa só sentença, como diria eu?

A. — *Manoel Azevedo é lavrador.*

P. — Muito bem, Renato. Ouvindo o nome *Manoel Azevedo*, você lembra-se do homem; ouvindo o nome *lavrador*, você lembra-se da occupação que esse homem tem. Mas, quando você ouve a palavra *é*, você lembra-se de mim, da pessoa que lhe *está falando*, que lhe *está asseverando* que, de facto, a occupação desse homem é a lavoura.

A. — Mas, não se póde acreditar na palavra de qualquer pessoa!

P. — Infelizmente, não... Supponhamos que alguém nos diga: *A tinta é branca*. Nós, sabendo que *a tinta é preta*, responderemos: *Não é*. Não podemos aceitar a palavra dessa pessoa, pois estamos vendo que *a tinta é preta*.

O é da pessoa que fala, é a sua *affirmação*, a sua *asseveração*.

A. — Quer dizer que a pessoa acha que é assim?

P. — O *é* significa: *eu digo*.

Uma sentença é um pensamento que alguém traduz em palavras.

A. — E si não fôr verdadeira, é uma mentira.

P. — Justamente, é uma mentira que não se deve dizer.

Escreva, Alberto, em columna vertical, a sentença — *A tinta é preta.*

A. — (Escreve.)

P. — Que é *a tinta*?

A. — E' a coisa, o liquido a respeito do qual se faz a afirmação.

A. — E' o sujeito; já aprendemos isto.

P. — E *é*?

A. — E' a palavra da pessoa que fala.

A. — E' o *eu digo*.

P. — Muito bem, Jorge!... *Preta* é a indicação da côr.

Todas as coisas se dão num tempo e num logar. Quantas divisões podemos fazer do tempo?

A. — Não sei, não, senhor.

P. — O que estamos fazendo, dizendo, vendo etc, *hoje*, é o PRESENTE.

A. — O que já se passou é o PASSADO, não é verdade?

P. — Exactamente. E o que ainda vae acontecer, é o FUTURO.

A. — Então, ha tres tempos: o *presente*, o *passado* e o *futuro*.

P. — Justamente... Repita a nossa sentença, nos tres tempos.

A. — *A tinta é preta* — Presente.

A tinta ERA preta — Passado.

A tinta SERÁ preta — Futuro.

P. — *E*, *era* e *será* são fórmas dum verbo chamado *sêr*. Este verbo *sêr* tem muitas outras fórmas, algumas das quaes vamos aprender.

Que nos mostra o verbo *sêr*, Roberto?

A. — *Affirma*, *assevera* alguma coisa.

P. — Poderemos melhor descobrir as fórmas de qualquer verbo, usando para sujeitos *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós* e *elles*.

A afirmação que vamos fazer é com — *estudioso*.

De si mesmo, como diria você, Raul?

A. — No presente: *Eu sou estudioso*.

P. — Da pessoa com quem você fala, *tu*, como diria?

A. — *Tu és estudioso*.

P. — Da pessoa de quem se fala, *elle*?

A. — *Elle é estudioso*.

A. — Ou: *ella é estudiosa*.

P. — De mais duma pessoa, como diria você, Alvaro?

A. — *Nós somos estudiosos*.

Vós sois estudiosos.

Elles são estudiosos.

P. — O verbo *sêr*, pois, tem fórmulas diversas para indicar tempo, numero e pessoa.

(Em seguida fará o professor conjugar o verbo *sêr*, sempre em sentenças.)

HISTORIA DO BRASIL

BRASILEIROS ILLUSTRES

Professor. — Vocês já ouviram falar em brasileiros illustres. Vejamos, pois, alguns, que se tornaram notaveis na politica, na diplomacia, nas sciencias, nas artes etc. Pódem ir falando.

A. — Prudente de Moraes.

A. — Rodrigues Alves.

A. — Ruy Barbosa.

A. — Rio Branco.

A. — Oswaldo Cruz.

A. — D. Pedro II.

A. — Carlos Gomes.

A. — Olavo Bilac.

P. — E' bastante.

Vamos hoje estudar a vida dum brasileiro illustre, representado neste retrato. Leia o nome d'elle, Luiz.

A. — Dr. Bernardino de Campos.

P. — Perfeitamente. Elle é pae do actual presidente do nosso Estado, que todos vocês conhecem. Quem é mesmo o presidente de S. Paulo, Arthur?

A. — E' o Dr. Carlos de Campos.

P. — Muito bem... O Dr. Bernardino de Campos foi tambem presidente do Estado de São Paulo, tendo tomado posse do cargo em 23 de agosto de 1892, após ter sido eleito por um suffragio de trinta e tantos mil votos. Vejam outra vez o seu retrato.

A. — O Dr. Bernardino de Campos era paulista?

P. — Não, meu pequeno. Elle nasceu em Pouso Alegre, que é uma cidade do Estado de Minas Geraes, em 6 de setembro de 1841. Era filho do Dr. Bernardino de Campos e de D. Felisbina Gonçalves de Campos. Iniciou os seus estudos no collegio *Julio*, desta Capital, e formou-se em 1863, pela nossa Faculdade de Direito. Advogou em Campinas e Amparo. Foi deputado provincial, chefe de policia de S. Paulo no governo do Dr. Prudente de Moraes, deputado estadoal, presidente da Camara dos Deputados e, finalmente, presidente do Estado.

A. — E fez bom governo?

P. — Fez um optimo governo. Todos os ramos da publica administração foram por elle lembrados. Cuidou com carinho da saúde do povo, da instrueção dos paulistas e da liberdade dos cidadãos. Assim, desenvolveu a hygiene publica, fundou escolas e defendeu heroicamente a autonomia do Estado. A sua administração não se apagará da memoria dos paulistas. O governo da Republica, para premiar os seus esforços em prol do governo legal e da Republica, concedeu-lhe as honras de general de brigada.

Eis, meus amiguinhos, em poucas palavras, quem foi o Dr. Bernardino de Campos, cujos feitos vocês todos devem imitar.



PHYSIOLOGIA

FUNCCÕES DE RELAÇÃO

O estudo elementar das differentes sciencias nas escolas primarias, não deve objectivar conhecimentos technicos, mas sim um desenvolvimento de noções necessarias, uma base de estudos para a realidade da vida.

Professor. — De que precisamos para viver, Mario?

Alumno. — De ar...

P. — Basta sómente o ar? Não será preciso mais nada?

A. — Precisamos tambem de alimento.

P. — Bem. O ar está em toda a parte; não é necessario irmos buscal-o. Mas, o alimento? Esse, nós o receberemos, como o ar?

A. — (?)

P. — Prestem attenção. Quando estamos com fome, de que nos serve ter sobre a mesa um appetitoso jantar, si não pudermos chegar até á mesa?

A. — De nada nos servirá.

A. — Podemos até morrer de fome.

P. — Como vêem, então, precisamos nos locomover. O principal fim da locomoção nos animaes é procurar alimento, para assegurar a vida, a existencia.

A. — Os indios caçam e pescam em busca de seu alimento.

A. — Alguns animaes tambem caçam.

P. — Quando o homem trabalha, está á procura do seu sustento e do da sua familia.

A. — Mas, é só para procurar alimento que os animaes se movem?

P. — Não, e principalmente os animaes superiores.

A. — Os vegetaes movem as raízes á procura de alimento.

P. — Justamente... Então vejamos: para conseguir a sua nutrição, que tem os animaes a fazer?

A. — Precisam mover-se.

P. — Sim, fazer movimento. Mas, supponhamos que estando a comida sobre a mesa, nós nos dirigimos para outro lado. Conseguiremos satisfazer a fome?

A. — De certo que não.

A. — Nem tão pouco si chegassemos á mesa e não puzessemos a comida na boca.

P. — Já vêem vocês que um movimento qualquer não aproveita. E' preciso que esse movimento seja guiado, que alguma coisa o dirija. A isso que o dirige chamamos *sensibilidade*.

A. — Então, o movimento e a sensibilidade nos facilitam a vida?

P. — Sim. A sensibilidade e o movimento são chamados *funções de relação*: é por este meio que não só procuramos o nosso alimento, mas ainda nos communicamos com o mundo exterior.

Que partes do nosso organismo auxiliam o movimento? Quem sabe me dizer?

A. — As pernas.

A. — E os braços também.

P. — Muito bem. O esqueleto e os musculos são orgams principaes do movimento e da locomoção.

A. — E quaes são os da sensibilidade?

P. — O systema nervoso e os sentidos constituem os orgams da sensibilidade.

A. — O olfacto e a vista nos contam em que direcção a comida está, não é mesmo?

P. — O systema nervoso dá aos musculos e aos nossos orgams a direcção que devem tomar.

Na proxima lição continuaremos este estudo.





PEDOLOGIA

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

(Continuação)

CAPITULO V

O TYPO AUDITIVO

Na especie, o *raciocinio* tambem é auditivo. Por exemplo, as pessoas que pertencem a este typo fazem uma addição mental, repetem mentalmente os nomes das cifras e addicionam de qualquer maneira os sons, sem delles ter a representação graphica. “Tenho tido occasião de notar, diz M. Ribot, que muitos calculistas não vêem as cifras nem os calculos, mas os ouvem.”

Entre as imagens constitutivas das *palavras*, com effeito, são as *phoneticas* que aqui têm prioridade. Ainda mais, em alguns ellas apagam de qualquer modo todas as outras. A palavra interior de M. Egger tem a marcha, o rythmo, o timbre e a entoação de sua palavra exterior. A de Cardillac “é muitas vezes mais distincta que a sensação.”

Nas primeiras paginas do magnifico livro que Egger lhe consagrou é admiravelmente descrita esta *palavra interior*, silenciosa, secreta, que ouvimos, quando escrevemos ou lemos, ou ainda quando estamos sós com as nossas recordações e pensamentos, sem qualquer outra companhia: “Então ella está em nós mesmos e ninguém mais a póde ouvir... Pensamos sem cessar, e á medida que o nosso pensamento se desenvolve, nós a falamos em silencio, porém quasi sempre a falamos sem o saber... Entretanto, algumas vezes essa palavra interior que acompanha sempre a reflexão solitaria

se nos dá a conhecer: é á noite, quando a lampada se extingue, quando renunciamos á actividade reflectida, á intelligencia racional, á consciencia. Mas o somno reparador começa a retardar; atormentados pela insomnia, não podemos *fazer calar* nosso pensamento; então, ouvimos-o, porque elle tem uma voz, é seguido duma palavra interior, viva como elle e que o segue em suas evoluções; não sómente o ouvimos, mas o escutamos, porque elle é contrario aos nossos vótos, á nossa decisão; elle nos espanta, nos inquieta; é um inimigo imprevisto; procuramos combatel-o, acalmal-o, desvial-o para objectos indifferentes. Quando falamos em voz alta, nem por isso a palavra interior se ausenta; ella não se cala sinão por intervallos; quando respiramos, quando assignalamos por curtos silencios os pontos e as virgulas das nossas phrases, nós a ouvimos: ella nos recorda a trama do nosso discurso, nos diz as palavras que vão seguir; ella serve de guia á palavra exterior. Ella surge quando escutamos o orador timido ou balbuciante; ella completa-lhe a phrase, corrige-lhe os *lapsus*. Só um orador fluente, rapido, que articula com nitidez, poderá impôr silencio á palavra interior."

E' preciso ainda que a série de sons seja ouvida sem distracção. Em resumo, "para enfraquecer o curso da palavra interior e interromper-lhe a continuidade, é preciso nossa propria palavra; para suspendel-a totalmente durante um tempo notavel, é necessario a palavra de outrem. Fóra destes dois casos, a *palavra interior é constante*. Ella occupa todos os vacuos deixados pela palavra exterior na successão psychica; ella faz, póde-se dizer, o interim da palavra exterior.

A alma jámais deixa de ouvir um som; quando o som não é exterior e real, é substituido por uma imagem que com elle se assemelha."

Quando o auditivo imagina um dialogo em que elle toma parte, *ouve muitas vezes com uma certa nitidez a palavra do interlocutor*. "No momento em que eu escrevo, diz M. Delbœuf, converso com um leitor ficticio; attribuo-lhe objecções sobre o que me não parece claro, e duvidas sobre o que eu mesmo duvido." Diderot, *causeur* infatigavel, polemista vi-

brante, tinha sempre na imaginação um interlocutor deante delle: apaixonado pelo drama, dramatizava seus pensamentos; suppunha a objecção e a si mesmo dava logo a replica. “Esta transformação da palavra interior, accrescenta Egger, é frequente entre os homens naturalmente loquazes, para os quaes a conversação é uma necessidade do espirito, um excitante quasi indispensavel das faculdades intellectuaes, mas que não conversam com todos; em cada um dos assumptos que os preoccupam, têm um interlocutor preferido; habituados a pensar e a falar tal coisa com tal companheiro, não sabem pensar sózinhos; quando isto lhes succede, é que invocaram este collaborador habitual do seu pensamento; é em sua supposta presença que elles acham idéas novas e expandem suas reflexões; frequentemente preparam assim suas conversações futuras. O mesmo phenomeno se produz nos homens que, em virtude da sua profissão, falam frequentemente em publico; mas entre elles o amigo attento é seu auditorio habitual; assim para os professores os conferencistas, os advogados, os homens publicos. Mais de um advogado, sem duvida, não póde preparar uma causa em seu gabinete, sem imaginar o tribunal ao qual vae se dirigir.”

Estes traços diversos bastam para caracterizar o estado mental do *auditivo* e permittir reconhecê-lo.

(Continúa.)

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

HENRI BOUQUET. — Trad.)

(Continuação)

V

O HABITO, A MEMORIA

A’ apparição da linguagem a memoria se desenvolverá então de maneira apreciavel. Mas esta memoria fugaz permite o estabelecimento de habitos tão inveterados como os que temos visto reger a vida da criança mesmo nessa época; é que os fa-

ctos cujos traços ella precisa guardar repetem-se com uma frequencia que permite a renovação da sensação a conservar.

As associações de idéas bem como as idéas em que os sentidos em causa são diversos, são extremamente faceis nas crianças. Vimos que o infante associava com a maior facilidade a idéa da sua mamadeira ou da sua mamada á de plenitude e bem-estar. E' assim que elle chega rapidamente a reconhecer o frasco branco que vae lhe proporcionar sensações tão agradaveis.

Do mesmo modo elle apreciará a posição na qual se lhe dá geralmente o seio.

Mas as associações são algumas vezes mais complexas. E' habito mudar as crianças de posição, alguns momentos antes de se lhes dar a ração de leite. Si por acaso se as muda, num outro momento, não é raro que ellas se resintam em seguida por falta de nutrição, mesmo que a derradeira mamada fôsse pouco antes e, por consequencia, a necessidade não agisse. Poderíamos citar o caso duma menina que não admittia que a puzessem em seu carrinho, para dormir ao ar livre; para ella o vehiculo dava-lhe immediatamente idéa de movimento, e ella demonstrava por gritos a opinião aos que a cercavam.

Resulta, pois, que nada será mais difficil do que fazer uma criança abandonar um habito antigo, como o habito deploravel de chupar os dedos ou de arranhar certos pontos do corpo — habitos que são verdadeiros sestros, isto é, habitos pathologicos. Quanto a outros habitos, póde-se conseguir que a criança os abandone, substituindo-os por um novo habito. E' assim que se chega a fazer variar o intervallo das mamadas, desde que a quantidade de nutrição dada seja sufficiente. E' assim egualmente que vimos nas *crèches* as crianças tomarem habitos completamente novos para ellas ou mesmo em opposição precedentemente adoptados em suas casas.

Depois da aquisição da linguagem, os habitos se tornam mais facilmente modificaveis, mesmo sem substituições, porque a memoria tambem adquire por este novo meio de communicação entre as crianças e os que as cercam, uma natureza mais

completa e mais efficaz. Agora que ás coisas se applicam não só as idéas, mas a sua expressão concreta — a palavra, as relações são grandemente facilitadas. E' o momento em que a memoria merece verdadeiramente este nome, o momento em que, graças a ella, se póde fazer a criança admittir factos ou idéas que antes eram absolutamente impossiveis de lhe fazer compreender.

(*Continúa.*)





LIÇÕES DE COISAS

FARINHAS

Professor. — (Mostrando aos alumnos um pouco de farinha de trigo.) Que é isto?

Alumno. — Isso é farinha.

P. — Sim, mas que especie de farinha? Quem sabe?

A. — Eu sei, professor: isso é farinha de trigo.

P. — Muito bem. Logo vi, que sabiam, pois esta farinha é muito conhecida.

A. — Eu pensava que farinha era só *de milho e de mandioca*.

P. — Entre nós são geralmente essas variedades as que têm o nome de *farinhas*. Mas, muita gente ha que não sabe como são feitas essas nossas farinhas.

A. — Qual é a farinha que essa gente mais conhece?

P. — Muitas outras, principalmente a de trigo.

Farinhas são o producto da moagem ora de sementes, ora de tuberculos. As que procedem dos cereaes e especialmente do trigo, pôdem considerar-se como os verdadeiros typos de farinhas.

A. — Porque?

P. — Porque são as mais usadas na alimentação humana.

A. — O trigo, então, é semente?

P. — E', sim. As sementes e os tuberculos mais ricos em amido, são os que mais e melhor farinha produzem.

A. — Que outras farinhas ha além da de trigo, de mandioca e de milho?

P. — Muitas plantas gramineas, como a cevada, o centeio, o arroz, a aveia, além do milho e do trigo, de que já falámos, dão excellentes farinhas.

A. — Mas, a mandioca não é graminea, nem semente...

P. — E' uma raiz, um tuberculo, que tem grande deposito de amido e por isso produz farinha. A batata e a araruta são outros tuberculos que nos fornecem farinhas.

A. — Mas a gente diz: fecula de batata!

P. — Sim. Ainda nos dão feculas ou farinhas: o feijão, as lentilhas, as ervilhas, as castanhas etc.

Quem conhece a maizena?

A. — Eu conheço. E' uma farinha muito fina. Mamãe faz sempre mingaus e cremes de maizena.

P. — Sabe você, Pedro, de que é feita a maizena?

A. — Não sei, não, senhor.

P. — E' feita de milho.

Ainda ha a tapioca e o sagú.

A. — Tambem são productos do milho?

P. — O sagú é tirado da medulla duma arvore, uma especie de palmeira. Os japonezes fazem bom pão de sagú.

A. — E a tapioca?

P. — A tapioca é fecula da mandioca. Tambem é tirada do arroz.

A. — O polvilho tambem é extrahido da mandioca, não é?

P. — E', sim, duma especie differente de mandioca.

A. — Para se fabricar qualquer farinha é preciso moer as sementes, os tuberculos etc.?

P. — Exactamente. E onde serão ellas moidas?

A. — Nos moinhos.

P. — Muito bem. Grandes pedras chamadas *mós*, encargam-se desse trabalho. A moagem não tem sómente o fim de triturar, reduzir as sementes e os cereaes a pó, mas ainda o de tirar-lhes a casca.

A. — A casca não serve para alimento, serve?

P. — E' bom alimento dos animaes.

A. — Como as farinhas mofam!

P. — A humidade causa o bolor das farinhas, e o calor produz-lhes tambem alterações.

A. — Então, é preciso guardal-as em lugar secco e arejado?

P. — Sim, mas que não seja quente de mais.

A. — Porque, professor?

P. — Porque o calor em excesso, também produz-lhes alterações, também as estraga, como já disse.

A ENXERTIA

Professor. — Conforme lhes prometti, vamos estudar hoje o terceiro processo empregado na multiplicação artificial dos vegetaes. Quem se lembra desse processo? Fale você, Helio.

Alumno. — A enxertia.

P. — Perfeitamente. Mas, responda-me: si eu enxertar um galho de laranjeira num pé de mamão, poderei assim obter laranjas?

A. — Não, senhor.

P. — Muito bem. Só poderemos enxertar plantas que pertençam a uma mesma familia. Assim, por exemplo, eu posso, numa laranjeira que produz laranjas bahianas, enxertar galhos de laranjeiras que produzem laranjas peras, selectas, do natal, limas etc. Numa roseira que dá rosas brancas, posso enxertar galhos de roseiras que produzam rosas vermelhas, amarellas etc.; nunca, porém, nella poderei enxertar um galho de pereira, marmeleiro etc. Continúem attentos. Supponhamos que vocês vão enxertar um galho de roseira branca numa outra que produz rosas vermelhas. Sabem o nome que toma a planta que recebe o enxerto?

A. — (?)

P. — Chama-se *porta-garfo* ou *cavallo*.

Temos diversas maneiras de fazer um enxerto, taes como o de *corôa* ou *garfo*, o de *escudo* o de *canudo* ou *anel*, o de *aproximação* etc.

A. — Como se fazem esses enxertos?

P. — E' o que lhes vou ensinar.

Olhem bem estas gravuras; aqui estão representadas as diversas maneiras de se fazer um enxerto de *corôa* ou *garfo*, que para sêr feito é preciso cortar-se transversalmente a planta ou ramo. Corta-se um ramo da planta que se quer enxertar, em fôrma de *cavadeira*, isto é, com uma ponta achatada, deixando nelle um *olho* ou alguns *olhos*. Racha-se o *cavallo* e nelle se introduz o *garfo*, que deve ter boa porção de casca. A casca do *garfo* fica bem ligada á do *cavallo*. Si este tiver grossura sufficiente, podem-se collocar dois ou mais *garfos*, sendo mais conveniente abrir fendas lateraes no *cavallo*.

A. — Que são *olhos* da planta, professor?

P. — São brotos ou rebentos, que ainda não se romperam, formando assim verdadeiros botões presos aos ramos.

Vamos vêr o enxerto de *escudo*. Aqui está elle representado neste quadro. Para se fazer um enxerto por este processo, insere-se uma porção de casca com um *gommo*, na casca do *cavallo* aberta em fôrma de um T.

Sobre essa casca inserida, fecha-se a do *cavallo*, ficando apenas o *gommo* ou o *rebento* para fóra.

A. — Porque se chama enxerto de *escudo*?

P. — Porque a casca que se enxerta tem aproximadamente a fôrma dum *escudo*.

A. — Que é *escudo*, professor?

P. — E' uma peça antiga que servia para resguardar o corpo dos guerreiros e que tem esta fôrma. (Vae ao quadro-negro e desenha um *escudo*.)

Vejam os agora o enxerto por aproximação. Ligam-se duas plantas, tendo-se cautelosamente tirado as cascas ou leves camadas das hastes, no ponto de contacto. Depois de certo tempo vae-se cortando o ramo que se quer enxertar, pouco a pouco, junto e abaixo da parte ligada. Aqui está a gravura que representa o enxerto por *aproximação*. Ha muitos outros modos ainda de fazer um enxerto. Qualquer dia havemos de ir ao jardim e lá faremos alguns. Esqueci-me de dizer a vocês que o enxerto, qualquer que seja o *systema*, é uma operação que exige muito cuidado. Na parte enxertada devem sêr applicadas substancias que protejam a planta e que conservem a humidade necessaria.

A. — Que substancias serão essas, professor?

P. — Diversas, mas a mais commumente usada é a cera com que se cobrem as partes enxertadas, antes já envolvidas pelos fios com que foram ligadas.

A PÓDA

Professor. — Pedro, porque trouxe você esse ramo de arvore aqui na escola?

Alumno. — Achei-o muito bonito; vou desfolhal-o, para ficar com esta vara tão direitinha, tão lisa.

P. — E onde achou você esse galho?

A. — Encontrei-o numa rua, onde estão cortando as arvores. Não sei porque, todos os annos, cortam os galhos das arvore das ruas, deixando-as tão feias!

P. — Boa observação a sua, Pedro.

A proposito, vou dar uma aula, tratando dum assumpto novo. Attenção, todos. Cortam-se os ramos das arvores das ruas, dos jardins, dos pomares etc., em certa epoca do anno, por diversos motivos, como vão vêr. Esta operação, que se chama *podar*, é feita nas arvores das ruas jardins para lhes dar fôrma elegante.

A. — E nas arvores frutiferas, professor?

P. — Nas arvores frutiferas a póda tem por fim desenvolver bem a planta, garantindo-lhe a conservação e producção.

A. — Mas, então, cortando-se assim os galhos das arvores, ellas não se estragam?

P. — Não: para que uma arvore frutifera se conserve e produza bem, é necessario cortar, ou melhor, *podar* os ramos mal dispostos, defeituosos ou inuteis. Podam-se os galhos que se desenvolvem muito proximos de outros, os que não são bem formados e os fracos ou rachiticos. Pratica-se ainda a póda nas arvores antigas para tentar-se a sua restauração, tirando-se os galhos velhos, improductivos. Após a póda das arvores velhas, surgem novos galhos, renovando-se assim a planta.

A. — Para se podar uma arvore é necessario aprender?

P. — Sim. Precisamos saber podar. A parte duma arvore, donde se tirou um galho, é uma parte doente, que exige trato. Nas pequenas culturas, sendo possivel, deve-se proteger a parte cortada com barro e estrume, envolvendo tudo com estopa.

A. — Eu vou podar uma laranjeira velha, que tenho em casa.

P. — Não faça isso agora, que a arvore é capaz de morrer.

A. — Mas, porque, professor?

P. — Porque nem todo o tempo se presta para a póda. A póda tem tempo certo.

A. — Quando, então, devemos podar as arvores?

P. — Entre nós, o tempo melhor é em setembro.

Creio que agora todos sabem porque se cortam os ramos das arvores das ruas, jardins, pomares, etc., não é verdade?

A. — Sim, senhor.

PLANTAS PARASITAS E INSECTOS NOCIVOS

Professor. — Vou hoje começar minha lição por uma pergunta. Vocês sabem o que quer dizer a palavra *parasita*? Quem souber, responda.

Alumno. — O papae sempre diz que o homem que não trabalha é um *parasita*.

P. — Perfeitamente. Então, que devemos entender pela palavra *parasita*, applicada ao homem?

A. — Parasita quer dizer o que vive a custa de outrem, não é, professor?

P. — Muito bem. Si ha homens parasitas, isto é, homens vadios, que vivem á custa de seus semelhantes, ha tambem outros animaes e muitas plantas que fazem o mesmo e que porisso são chamados — *parasitas*. Quem é capaz de me dar o nome dum animal parasita? Pódem falar, cada um por sua vez.

A. — O piolho.

A. — O carrapato.

A. — A pulga.

A. — O percevejo.

P. — E' bastante. Os animaes que vocês citaram são parasitas, porque, Castro?

A. — Porque vivem á custa do sangue do homem e de outros animaes como o cão, o gato, o boi etc.

P. — Perfeitamente... Quem quer agora me dar o nome duma planta parasita? Fale você, Leandro.

A. — A erva de passarinho.

P. — Sim. E' um vegetal damnoso aos pomares. Os passaros comem as frutinhas dessas plantas e lançam as sementes nos galhos das arvores. As sementes viscosas germinam e a *parasita* se implanta nos ramos, sugando-lhes a seiva. Assim como ha algumas plantas que damnificam outros vegetaes, ha tambem insectos que lhes são nocivos.

A. — Que quer dizer *insectos nocivos*?

P. — *Insectos nocivos* são animaesinhos que estragam os vegetaes, os frutos etc.

A. — Como é que encontramos ás vezes frutos bichados, sem terem furos na casca?

P. — Bravo!... Você mostra que é um menino intelligente e observador. E' verdade o que você me perguntou. Isso se dá, porque os insectos deitam seus óvos nas flôres. Estas, como sabem, dão origem aos frutos. Dos óvos saem os germens que se conservam dentro dos frutos e ahi se desenvolvem.

A. — Como poderemos evitar que tal aconteça?

P. — Devemos applicar nas plantas irrigações e pulverizações comapparelhos proprios e substancias que matam os germens.

A. — Quaes são os insectos nocivos?

P. — Vejam: aqui estão alguns, neste mappa. Temos a *vaquinha*, que prejudica a cultura das batatas; o *coruquerê* e a *lagarta rosada*, que damnificam os algodoaes; a *cigarra*, o *gafanhoto* e a *bróca*, que estragam os cafesaes; as *formigas saúvas*, que são mui damnosas aos pomares, hortas, jardins etc.

A. — Como poderemos nos livrar desses insectos?

P. — Contra elles applicamos muitos meios de destruição, mas o principal é proteger os passaros, que são os seus maiores

inimigos. E' por isso que não devemos perseguir os passarinhos, os melhores defensores das plantas. Temos ainda, felizmente, muitos outros animaes que dão caça aos insectos nocivos; temos o *sapo*, o *tamanduá*, o *ouriço*, a *lagartixa* etc.

A. — Que bons animaes!

P. — Vejam, pois, meus meninos, como entre os animaes e as plantas ha tambem bons e maus.

Protejamos sempre os primeiros e façamos guerra de morte aos segundos.

A TINTURARIA

Professor. — Vocês não estão ouvindo um toque de corneta? Será algum batalhão da Força Publica que vem vindo? Quem sabe si serão os escoteiros que regressam dos exercicios, não? Vá á janella, vêr o que é, Gastão.

Alumno. — E' o tintureiro, professor.

P. — Ora, o tintureiro! E eu a pensar que eram os soldados! . . . Mas, não faz mal, não perdemos o nosso tempo. O tintureiro veio em boa hora. Precisamos conversar um pouco sobre elle. Onde o tintureiro trabalha, Amadeu?

A. — Na tinturaria.

P. — Que é tinturaria, Ignacio?

A. — E' uma casa onde se tingem roupas, com tintas de qualquer côr.

P. — Sim. De modo que tintureiro e tinturaria, são palavras derivadas . . . de que palavras, Antonio?

A. — De tinta.

P. — Muito bem. Ouçam agora a historia da tinturaria. Tinturaria é a arte de tingir o linho, a lã, a seda, as pelles, etc. A tinturaria trouxe-nos muitos beneficios. Além de podermos tingir os pannos, as plumas, que nos são uteis, ainda fazemos economia, pois quando as nossas roupas, chapéos etc., já estão descorados pela acção do tempo, o que fazemos, Leonardo?

A. — Mandamos tudo á tinturaria para sêr tingido.

P. — E fica parecendo que estamos de roupa nova, não é verdade? Assim, um terno de roupa, que nos parecia im-

prestavel, depois de tingido ainda nos poderá durar muito tempo. Vejam pois que coisa util vocês aprenderam hoje. E porque?

A. — Por causa da corneta do tintureiro.

P. — Muito bem. Você é um menino activo. Na proxima aula eu lhes contarei novas historias e mais bonitas ainda, a respeito da tinturaria.

A CASA

Professor. — Olavo, o que vê você aqui neste quadro?

Alumno. — Eu vejo muitos homens construindo uma casa.

P. — Vocês vão me dizer quaes os materiaes empregados na construcção duma casa. Podem ir falando, mas com muita ordem.

A. — Areia.

A. — Terra.

A. — Pedregulho.

A. — Pedra.

A. — Cal.

A. — Tijolos.

A. — Telhas.

A. — Madeiras.

A. — Ferro.

A. — Vidros.

A. — Tintas.

A. — Cimento.

P. — E' bastante. Ha ainda outros, como: papel, pregos, parafusos, fechaduras etc.

Como se chamarão os homens que trabalham na construcção duma casa? Sabe, Antonio?

A. — Operarios, professor?

P. — Sim. Esse é o nome que se dá a todos em geral, mas, particularmente, cada um recebe um nome conforme o

serviço que executa. Assim, o *pedreiro* faz as... quem sabe? Fale você, Fernando.

A. — Paredes, alicerces.

P. — Trabalha, enfim, com argamassa, cimento, tijolos, telhas etc. O *carpinteiro* o que faz, Juventino?

A. — Faz as portas, janellas, forro, soalho...

P. — Prepara ainda as vigas, caibros e ripas do telhado para receber as telhas que cobrirão a casa, não é assim? Que faz o *pintor*, Joaquim?

A. — Pinta toda a casa.

P. — Temos ainda o *encanador*, que assenta os encanamentos para agua e exgotos; o *vidraceiro*, que colloca os vidros.

Depois da casa prompta, ainda nella trabalham o lavador, o encerador, o tapeceiro etc. Vejam, quanta gente é necessaria para construir uma casa! Que nome recebem os diversos compartimentos da casa, Pedro?

A. — Area, *hall*, escritorio, sala de visitas, sala de jantar, quartos, cópa, cozinha, banheiro e porão.

P. — Muito bem. A casa póde sêr ainda *terrea*, quando só tem um pavimento, e *assobradada*, si tem um ou mais andares superiores. As casas hoje são feitas de tijolos. Os antigos faziam-n-as de terra bem impressada formando grossas taipas.

As habitações ruraes das pessoas pobres ainda hoje são feitas de barro. Os grandes edificios são geralmente construidos de cimento armado. E' uma construcção cara, mas muito rápida. Quanto ao logar em que deve sêr construida uma casa e a sua ventilação, já estudámos aqui, quando lhes ensinei a "Hygiene da habitação," lembram-se?

A. — Sim, senhor.

P. — Na proxima aula verei si todos têm aprendido o que tenho ensinado.

A GOMMA ARABICA

Professor. — Que tem você ahí na mão, Bernardo?

Alumno. — (Mostrando resina tirada de pecegueiro.)
— E' gomma arabica, que eu tirei do tronco do pecegueiro lá de casa.

P. — Varias arvores, como o pecegueiro, a cerejeira, a ameixeira, dão resinas semelhantes á gomma arabica.

A. — Então, essas resinas não são gomma arabica?

P. — Não, mas si você fizer com essas resinas uma infusão, ellas ficarão pegajosas, mas não tanto como a gomma arabica.

A. — A gomma arabica tambem dá em arvore?

P. — E' resina duma arvore — a *acacia*, que cresce em abundancia nas Indias e na Africa.

A. — Que interessante!

P. — A resina dessa arvore sáe, escôa, filtra-se da casca durante o verão.

A. — Quando sáe é liquida, não é?

P. — Sim, mas endurece logo com o calor.

A. — E não precisa sêr preparada?

P. — E' só mistural-a com agua fervendo.

A. — E está prompta.

P. — Prompta para o que?

A. — Para grudar, collar, juntar.

P. — Tambem entra na composição de tintas e vernizes; serve para endurecer palhas para chapéos e dar resistencia a certas fazendas etc.

A. — Os sellos já vêm com gomma arabica.

A. — E ás vezes pregam-se uns aos outros.

P. — Quando se quêr que os objectos gommados não adhiram uns aos outros com a humidade, addiciona-se glycerina á gomma. A gomma arabica preparada tem ainda a propriedade de não se partir ou fender tão facilmente.

A. — Quando guardada algum tempo, fica com um cheirinho ruim!

P. — Para evitar esse inconveniente, tambem ha remedio. E' só misturar agua de cal na proporção de 18 centímetros cubicos por 100 grammas, que a mistura ficará clara e inodora e conservar-se-á perfeitamente.

A. — Daqui por deante, quando precisar, vou pôr agua de cal e glicerina na gomma arabica.

AS NUVENS

Professor. — Attenção todos. Vocês estão vendo, aqui, esta chaleira de agua a ferver?

Alumnos. — Estamos, sim, senhor.

P. — Que é que está saindo pelo seu bico? Fale, Jorge.

A. — Sae muita fumaça.

P. — Quem já experimentou chegar a mão perto do bico duma chaleira de agua a ferver?

A. — Eu já experimentei, professor.

P. — Que sentiu você, quando fez tal travessura, podendo até queimar-se e não ouvindo talvez os conselhos da mamãe?

A. — Eu senti um calor muito forte e depois a minha mão ficou toda humida.

P. — Sim. Si nós deixarmos a chaleira ao fogo, sempre a ferver, no fim dum certo tempo que acontecerá com a agua? Quem quer dizer? Fale, Eurico.

A. — Ella desaparecerá.

P. — Perfeitamente. E para onde irá? Diga, Santos.

A. — Vae para o espaço, para o ar.

P. — Mas, por onde sahiu a agua? Como poderá a agua subir para o espaço? O Abreu vae me dizer isso.

A. — Sahiu pelo bico da chaleira e subiu para o ar em fórma de fumaça.

P. — Muito bem. Subiu, então, em que estado?

A. — Gazoso.

P. — Sim. Vocês já sabem que a agua póde tambem estar noutros estados... Quaes são mesmo esses estados?

A. — Líquido e sólido.

P. — Sim. A fumaça que sahiu da chaleira, que humedeceu a mão do Carlos, nada mais é que a agua em estado gasoso. Devido á grande temperatura, a agua transformou-se em vapor e saindo pelo bico da chaleira subiu para o espaço. Attenção. A agua que se infiltra no sólo, quando chove, a agua dos mares, rios, lagos etc., tambem se aquece pelo calor que se desenvolve na terra e pelo calor do sol; produz-se assim a evaporação, isto é, constantemente sóbe para o espaço uma porção de agua em estado de vapor, em estado gasoso.

A. — E essa agua toda em estado gasoso onde vae parar? Ella não volta mais á terra?

A. — Já lhe explico, meu curioso. Olhem todos para o céu. Que é que você vê lá no alto, Fernando?

A. — Eu vejo as nuvens.

P. — Como se formaram ellas?

A. — (?)

P. — Vou dizer-lhes: os vapores d'agua, que do sólo sóbem para o espaço, vão se agglomerando nas altas regiões da atmosphaera e formam deste modo as nuvens que vocês estão vendo. Ellas, como vocês, tambem não se parecem umas com as outras e têm nomes differentes. Vamos vêr si são observadores. Quem é capaz de me descrever uma nuvem? Fale, você Cicero.

A. — Quando ameaça tempestade, eu vejo no céu grandes nuvens pardacentas ou negras.

P. — Muito bem. Essas nuvens têm contornos mal definidos são feias, negras, mesmo, como bem disse o Cicero, e chamam-se *nimbos*. Não se esqueçam deste nome.

Você, Salles, vae me descrever outra nuvem.

A. — Eu vejo, lá bem no alto, aquellas nuvensinhas brancas, espalhadas pelo espaço.

P. — Bravos! Pois aquellas lindas nuvensinhas que vagueiam pelo espaço azul, lá no alto, muito alvas, recebem o nome de *cirros*. Quasi sempre precedem mudança de tempo. Você, Costa, quer me descrever outra nuvem?

A. — Como se chamam aquellas que lá estão, redondas, parecendo algodão?

P. — Chamam-se *cumulus*, e são mais frequentes no verão, formando-se de manhã e dissipando-se á tarde. Quando o céu esta cheio dellas e são acompanhadas de *cirros*, denunciam chuva ou tempestade.

Ha ainda outras nuvens que a esta hora não vemos no céu. Ellas formam-se ao pôr do sol e logo pela manhã desaparecem. Extendem-se pelo céu, occupando as baixas regiões da atmosphaera, dispostas em camadas horizontaes. Essas nuvens chamam-se *estratos*. Vejam: ellas estão representadas aqui neste mappa.

A. — Os nevoeiros são nuvens, professor?

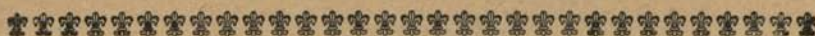
P. — Sim, meu pequeno. São nuvens que occupam as partes mais baixas da atmosphaera. Olhem o mappa: os *nevoeiros* se formam principalmente nos logares humidos, sobre os rios, lagos, mares, etc.

A. — Mas, as nuvens para onde vão?

P. — Voltam para a terra donde partiram, em fôrma de *chuva*. Na proxima aula falaremos sobre a *chuva*. Hoje não temos mais tempo e vocês já aprenderam muita coisa util, não é verdade?

A. — E', sim, professor.





QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth. pedagogica," organizada por A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA XII

FALAR COM O LAPIS

A criança, ao entrar para a escola, penetra num meio que lhe é completamente desconhecido, um mundo novo, por assim dizer, levando consigo o que de bom e agradável aprendeu naquella que acabou de deixar: alegria, liberdade de acção e de movimento etc.

Tão estranho lhe é o novo ambiente como estranhas lhe são tambem as physionomias dos entes com quem vae conviver algumas horas do dia. Admirada, medrosa, acanhada, sente-se coagida, tomada dum visivel mal-estar. Si a isto se accrescentar o encontro com um professor rispido, exigindo que ella se submetta desde logo á disciplina, tereis ahi uma criança para sempre timida, dominada pelo medo, e fechando a alma a toda e qualquer expansão, como a flôr que emmurchece á falta dos raios alegres do sol...

Dae-lhe, porém, estes raios numa recepção animada e amavel, num amistoso aperto de mão, numa occupação qualquer agradável, e lá se lhe irão os temores, e a sua natureza toda se expandirá, permittindo o surto livre de seus proprios conhecimentos e da habilidade e experiencia adquiridas.

Sabeis agora como deveis proceder com a criança que entra de novo para a escola. Provocae a sua confiança, dando-lhe desde esse momento alguma coisa com que lidar: ou um

pedaço de giz para rabiscar livremente o quadro-negro; ou uma lousa com um lapis; ou uma collecção de blocos; qualquer occupação, em summa, que a distraia e lhe absorva o espirito. Incitae-a a falar na aula com desembaraço e liberdade, como si estivesse na casa paterna, donde ella traz bastos conhecimentos de linguagem, de pronuncia, de accentos, aprendidos por imitação; a empregar, emfim, uma linguagem consciente; e continue esse processo imitativo por meio de exercicios em que a vossa voz seja o principal modelo. Conduzi-a a enunciar sentenças, empregando palavras apropriadas á acção executada, taes como estas:

Dir-lhe-eis, levantando uma das mãos: “esta é a minha mão direita;” “imitem-me vocês;” “esta é a minha mão esquerda.” “Posso sentar-me;” posso andar;” posso pular;” etc., acompanhando sempre da acção as palavras. Depois, mandae que cada criança proceda do mesmo modo, em acções e palavras.

Perguntae-lhes quantas coisas pôdem fazer, e mandae que uma após outra, cada criança as faça, dizendo ao mesmo tempo os seus actos. Apontae objectos quaesquer, falando: “Eis aqui um relógio;” “ali está um quadro;” etc., exigindo o mesmo dos alumnos. Nesses exercicios, fazei por empregar as palavras: *aqui, lá, ali, acolá, este, estes, esta, aquella* etc. Disponde os objectos em logares differentes, para que os alumnos digam onde se acham. Introduzi nesses exercicios as “lições de coisas” mais faceis, dos manuaes de ensino objectivo, sobre plantas, animaes, mineraes, e objectos quaesquer, conduzindo a criança a dizer o que vê, da maneira mais simples possível, empregando a sua linguagem propria, como o faz na conversação. Na carencia de objectos, podeis lançar mão de estampas, porque o fito principal destas lições é levar a criança a falar com liberdade e correcção.

Será bom que tomeis nota então do vocabulario e das expressões de que ella se utiliza para traduzir seus pensamentos, corrigindo-lhe ao mesmo tempo os erros de pronuncia, pela repetição da pronuncia correcta, e os de articulação, pela disposição apropriada dos orgams vocaes.

Antes da criança falar com bastante liberdade, é inútil qualquer interferência vossa para corrigir-lhe a linguagem; disso só deveis tratar, quando já passado este importante período.

O processo mais simples para a consecução desse fim, é fornecer á criança a maior somma de sentenças correctas, empregando invariavelmente objectos quaesquer.

Quando ella empregar, por exemplo, o verbo no singular, devendo empregar-o no plural, recorrei a objectos presentes, chamando a sua attenção para a expressão incorrecta.

Do mesmo modo deveis ensinar-lhe todos os vocabulos novos e as modificações do sujeito e do predicado, produzidas por adverbios e adjectivos.

Assim, collocando os objectos em pontos differentes, — *um chapéo sobre a mesa* — por exemplo, perguntareis: “Onde está o chapéo?” etc.

Quanto ao adjectivo e aos seus graus respectivos, ainda com auxilio dos objectos podereis dar aos vossos alumnos lições bem sugestivas. Com o objecto, os levareis a descobrir, por si mesmos, as suas principaes qualidades caracteristicas, como — GRANDE, PEQUENO, BONITO, FEIO, LEVE, PESADO etc., e comparando-o com outros, conseguireis as seguintes sentenças: “este . . . é tão grande como aquelle;” “este . . . é maior que aquelle;” “este . . . é menor que aquelle;” “este . . . é o maior de todos etc.

Quando um grupo de crianças estiverem habituadas a observar assim, attentamente, podeis então começar com proveito o ensino da leitura.

Inicial-o, antes de adquirido este poder, é mal empregar o tempo, é incidir num erro pedagogico.

No dia em que os professores se compenetrarem profundamente que *educar é produzir poder*, ousou affirmar que mais conscientemente saberão adaptar os passos progressivos á capacidade intellectual da criança.

Toda a pressa é prejudicial, especialmente quando excita em demasia a força intellectual dos pequeninos cerebros.

Numa das minhas palestras delineei-vos o modo como eu procederia para ensinar a soletração. Vou repetil-o, para que melhor o fixeis.

No primeiro anno, exercitaria a criança a copiar (dando-as em sentenças) as palavras aprendidas na leitura, exigindo-lhe, porém, a mais absoluta correcção; e ao iniciar o segundo anno, faria ditados.

Ha duas régras, que convem aqui lembrar, porque devem sêr invariavelmente seguidas: primeira, desenvolver na criança o poder de conhecer quando sabe ou não uma palavra. Segunda, não permittir nunca que ella veja ou escreva uma palavra errada.

Como auxilio á primeira regra, o professor deverá escrever uma grande cópia de palavras no quadro-negro, explicando-as todas, até o momento em que os alumnos possam por si fazer uso do dictionario.

Quando o professor verificar que elles são capazes de escrever, ditadas, todas as palavras empregadas préviamente na cópia, poderá então começar os exercicios de *falar com o lapis*.

EDUCAÇÃO PHYSICA NAS ESCOLAS

A maioria dos paes pouco ou nada trata do desenvolvimento physico dos filhos. Mandam-n-os á escola onde o professor se encarrega de desenvolver-lhes o intellecto. A educação physica da criança é negligenciada no lar, e até bem pouco tempo o foi na escola.

Hoje ninguem contesta que o physico, tanto quanto a intelligencia, precisa sêr guiado, sêr educado. Disse Cicero: "O exercicio contribúe e auxilia a conservar vigorosa a mente."

A falta de gymnasio ou logar apropriado não póde servir de desculpa, para que não se dê movimento á educação physica. Os exercicios gymnasticos devêm, de preferencia, sêr executados ao ar livre, mas podem tambem sêr feitos nas classes.

Diariamente, hora após hora, sentam-se as crianças numa posição forçada, escrevendo ou estudando. Não é sem razão que ficam inquietas e desattentas.

Alguns minutos de gymnastica e uma marcha ao redór da classe, acompanhada de exercicios respiratorios, com as janellas bem abertas, farão os alumnos voltar aos seus logares, com outra vida e animação. As crianças sentir-se-ão outras e o professor terá occasião de notar sensível differença no trabalho de cada uma.

Dirão alguns que não ha tempo para isto; que os periodos são muito curtos e muitas as disciplinas do programma. E' preciso ponderar que os poucos minutos gastos com a marcha ou a gymnastica, transformar-se-ão em horas e annos accrescentados á existencia das crianças e pouparão ao professor bastante energia nervosa. Alguns minutos gastos diariamente, conservarão o organismo em boas condições e o sangue circulando livremente.

Poucos serão os professores que terão notado o grande numero de alumnos defeituosos que têm estado sob seus cuidados: o thorax achatado, hombros levantados ou curvos, curvaturas de columnas vertebraes são frequentes. Todos estes defeitos podem sêr melhorados, si não curados, com um pouco de attenção e boa vontade por parte do professor. Quando em pé, não se permittirá ao alumno que encoste ou descanse com os lados dos pés. O peso do corpo deve assentar nos dois pés; a cabeça, levantada, os hombros, puxados para traz; o thorax, saliente. Quando sentados, é um grande erro trazerem os braços cruzados. Isto faz com que os hombros venham á frente causando curvatura dos mesmos. Tão pouco deve-se consentir que sentem sobre as mãos ou os pés, ou que cruzem as pernas, o que difficulta a circulação. Os pés devem ficar com as plantas assentadas no soalho. O corpo não deve escorregar na carteira: esta posição impelle a cabeça e os hombros á frente, curvando a columna vertebral para a frente e assim comprimindo as paredes da caixa thoraxica.

A educação physica precisa sêr obrigatoria em toda a sala de aula, e todo o professor deve conhecê-la tão bem ou melhor que as outras disciplinas que ministra.

Que adeanta a um alumno ter-se formado com distincção

numa escola superior, si de lá sahiu incapacitado de iniciar sua carreira, devido á debilidade physica?

Melhor, mil vezes melhor, seria que tivesse gasto um pouco do seu tempo com o seu physico e sahisse sadio, alegre e forte, com os musculos, tanto como a mente, aptos para enfrentarem a luta pela vida.

“Prevenir é melhor que remediar,” diz o ditado. Para o desempenho de grandes cargos é necessario saúde extraordinaria.

Sem exercicio ha sempre um embaraço no systema. Poderá sêr no estomago, na cabeça, no coração, nos pulmões ou na garganta, mas hã sempre embaraço, ha uma falta de funcionamento perfeito.

As crianças das escolas são os cidadãos de amanhã; a sua direcção actual reflectirá no futuro.

Cuidemos do seu physico.

FESTAS ESCOLARES — PASSEIOS

“A educação tem por fim o desenvolvimento harmonico de todas as faculdades.”

STEIN.

O homem só poderá sêr integralmente educado, quando nelle se reflectam os bons resultados dos seguintes ramos educativos: intellectual, physico, moral e civico.

Para darmos um character pratico a esta breve noção theorica, precisamos procurar na moderna escola primaria, meios attraentes de ministrar os principios que concorrem para a educação completa.

Dentre os innumeros meios applicaveis, se destacam, pelas sua manifesta utilidade, as festas escolares.

Estas festas, geralmente, são realizadas nos dias feriados, em commemorações ás datas nacionaes.

Quantos exemplos salutaes moraes e civicos, irmanados com lucidos conhecimentos intellectuaes não poderão colher os alumnos, duma preparada palestra historica?

As prelecções feitas pelos professores sobre o motivo duma festa escolar, constituem optimas aulas de historia patria, onde são realçados os heroicos feitos de nossos antepassados, constituindo exemplos magnificos de moral e civismo, que muito influenciam sobre a indole imitativa da criança.

O alto valor das festas civicas escolares sobre o desenvolvimento intellectual, moral e civico dos educandos é facto incontestavel.

A educação physica, por sua vez, tambem faz parte activa em todas as festas escolares e é ministrada por meio de jogos gymnasticos, em todos os seus differentes aspectos. Além destas rapidas considerações, essas festas, em muito concorrem para o aperfeiçoamento da educação artistica das crianças, pois a literatura e a musica são cultivadas com esmero, por meio de poesias e hymnos patrioticos.

Compreendendo a importancia educativa das festas civicas escolares, os altos poderes da Instrucção Publica ordenaram as realizações das mesmas, em todos os estabelecimentos de ensino primario, e os resultados obtidos têm sido magnificos.

E é assim que a escola primaria moderna tem trabalhado para ministrar o ensino simultaneo dos principaes principios educativos, dum modo intuitivo e attraente.

*
**

Na escola primaria, as lições devem sêr ministradas objectivamente, baseadas sempre em methodos intuitivos, devendo o professor conduzir mui suavemente seus alumnos afim de que o aprendizado se desenvolva naturalmente, sem exgotamento intellectual.

De accordo com a sciencia pedagogica moderna, é condemnavel, sob todos os pontos de vista, o ensino dogmatico.

Cumprer partir sempre do conhecido para o desconhecido.

O ensino objectivo faz entrar em acção os sentidos dos educandos, acção esta que contribúe, sobremodo, para fixar em suas intelligencias as noções sobre os diversos assumptos estudados.

E' pois de grande vantagem para a efficacia do ensino, o contacto directo e continuo do alumno com a vida exterior, onde o mesmo tem a grande liberdade de vêr e tocar naquillo que está aprendendo.

Estas theorias pedagogicas são praticamente amoldadas á escola primaria por innumeros meios de ensino, dentre os quaes se destaca pela sua utilidade manifesta, o passeio escolar.

Nos passeios escolares, o ensino de diversas materias torna-se facil e suggestivo.

Orientadas por seus professores, durante um passeio, as crianças observam os limites naturaes demarcados pelos rios e pelas montanhas; apreciam o escoamento natural das aguas; procuram fontes, descobrem nascentes; emfim, estudam a natureza em todos os seus aspectos, adquirindo, além desses conhecimentos geographicos, innumeraveis noções sobre plantas, animaes e mineraes.

Os passeios aos estabelecimentos industriaes offerecem tambem valiosos cabedaes para o ensino de nossas preciosas riquezas naturaes.

Nas fabricas, os alumnos têm o prazer de apreciar directamente as importantes manufacturas de nossas principaes materias primas.

O passeio escolar, além de sêr um factor importantissimo e indispensavel ao desenvolvimento intellectual, tambem muito contribúe para o aperfeiçoamento physico das crianças, base principal para a conservação da saúde.

O ar puro dos campos tonifica os orgams internos; o exercicio, resultante dum passeio, desenvolve todos os musculos corporaes, e a vista e o ouvido tambem são exercitados pelo trabalho de observação.

Com estas ligeiras considerações fica demonstrada a importancia pedagogica dos passeios escolares, que deverão sêr feitos de accordo com os requisitos seguintes:

a) Esses passeios deverão sêr realizados, preferivelmente, nas manhãs dos dias lípidos e em logares isentos de pantanos.

b) Durante os passeios, o professor deverá dispensar especial cuidado para com seus alumnos, attendendo sempre ás suas multiplas perguntas.

c) De volta dum passeio escolar, o professor deverá exigir de seus alumnos descrições oraes e escritas sobre objectos e factos observados.

EVILASIO A. DE SOUZA.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Mães! Tudo quanto ha de mais puro e nobre, em vós se encerra, pois representaes a imagem palpitante da bondade, a candura sem rival, o amor sincero e sagrado que, com valor, enfrenta os vagalhões da vida! O vosso orgulho reside na felicidade dos vossos filhos. Essa felicidade é a vossa; mas, para que ella sempre exista, deveis ter o maximo cuidado na educação dos entesinhos que Deus vos confiou, na formação de seus sentimentos, no aperfeiçoamento de seus caracteres. Bem sabeis que as crianças são como as tenras plantinhas: necessitam do vosso amparo quando ainda pequenas. A alma dos pequeninos abrir-se-á para o mundo, transbordando candura, virtude e sabedoria, si a encherdes de santas essencias “quando ainda mal desdobrando para a vida vem.”

Só useis, ó mães, castigos moraes, pois que a pancada, a humilhação e o terror produzem nas tenras creaturinhas abalos nervosos, que muito lhes prejudicarão a saúde e o caracter. Educae vossos filhos desde o seu primeiro vagido.

Certa mãe perguntou a um ministro de Deus quando deveria começar a educação do filhinho, que tinha então quatro annos. E o virtuoso sacerdote respondeu-lhe: — “Senhora, si

ainda não a começou, já perdeu quatro annos. Desde que o primeiro sorriso desponta nos labios duma criança, deve-se principiar a educal-a, porque a criança aprende por simples imitação com o seu esforço, quasi através dos póros."

E' no lar que o character se fórma. E' no seio da familia que a humanidade recebe o seu peór ou melhor ensino moral, porque é ali que se bebem os principios que passam para a virilidade e só acabam com a vida.

Diz-se que as maneiras fazem o homem e o seu espirito, porém com mais acerto deveria dizer-se que — *a familia faz o homem*; o ensino domestico inclue não só as maneiras, mas tambem o character. E' no aconchego da familia que o coração se desenvolve, que se formam os habitos, que a intelligencia desperta e o character se fórma para o bem ou para o mal. Dessa fonte pura ou impura dimanam os principios e maximas que regem a sociedade. A propria lei não é sinão o reflexo da familia. As menores sementes de opinião plantadas no espirito das crianças na vida privada, mostram-se mais tarde no mundo e tornam-se a opinião publica, e aquelles que têm a seu cargo a direcção das crianças, exercem maior poder do que os que têm em suas mãos as rédeas do governo. A criança vem ao mundo sem amparo e por isso depende daquelles que a cercam. A sua educação começa com o primeiro ar que respira. Triunphará na vida, si puro fôr o ambiente onde cresceu. Succumbirá fatalmente no meio da jornada, si só miasmas respirou na atmosphera onde criminosamente se desenvolveu.

Assim pensava Samuel Smiles; assim entendemos nós. Para as boas mães, para aquellas que pretendem levar a sério a santa missão que Deus lhes confiou; para aquellas que só almejam para os filhos um futuro duma felicidade sem igual; para aquellas que não abandonam o fruto sagrado de suas entranhas nas mãos de aias corrompidas; para aquellas que não deixam a dogura do lar, o sorriso dos filhinhos, para correrem atraz dos chás, corsos, theatros e sarãos, onde envolta em sedas, plumas, joias, perfumes, luz e musica, a moral se esvae; enfim, para as mães que verdadeiramente o sabem sêr, vão aqui alguns preceitos educativos, á guiza de conselhos, que en-

contrámos ha tempos, num velho alfarrabio, e sobre os quaes os povos cultos edificaram a sua patria:

1.º) Dae instrucção elementar aos filhos, na escola ou no lar.

2.º) Ensinae-lhes o preparo domestico dos alimentos, pois uma boa cozinha tira muito dinheiro á botica; bem como todos os outros mistêrés que uma boa dona de casa deve saber fazer.

3.º) Mostrae-lhes que a verdadeira economia está em saber gastar menos do que se ganha, sem restringir o necessario.

4.º) Informae-lhes que um rosto são e cheio vale mais que muitas bellezas pallidas, languidas e cansadas de bailes e theatros.

5.º) Ensinae-lhes a modestia no vestuario e no tratamento; um vestido de chita que se pagou, assenta melhor que um de seda comprado a credito.

6.º) Mostrae-lhes, em tempo opportuno, que devem casar com uma pessoa pobre mas honesta, e não com uma rica mas viciada e maculada.

7.º) Dizei-lhes que os passeios a pé pelos campos valem mais que os de carro e os saráos.

8.º) Ensinae-as que não julguem pelas apparencias e que não promettam sem préviamente saberem si podem cumprir.

9.º) Convencei-as que da harmonia do character, da egualdade e da combinação dos gostos é que nasce a felicidade dos esposos e a alegria do lar.

10.) Mostrae-lhes os escolhos da vida e ensinae-as a removel-os com valor.

Mães, si adoraes os vossos filhos, si quizerdes vos perpetuar em seus corações, educae-os bem, desde o seu primeiro vagido, que no final de vossa existencia tereis a inaudita alegria de vêr a vossa obra meritoria reviver na felicidade de vossos filhinhos e ir-se transmittindo pelos vossos descendentes, formando assim uma geração de gente sã, honrada e feliz, que tornará grande a patria onde nasceu.



LITERATURA INFANTIL

O BOM CAMINHO

Tres caminheiros, um bastante velho e dois bem jovens, chegaram certa vez a uma encruzilhada.

Para que lado seguir? Qual dos dois caminhos escolher: — o da direita, ou o da esquerda?

Um, elles o sabiam, era bom. O outro levava a pantanos perigosos e por isso de transito difficil.

Qual dos dois era o bom e qual o mau?

Deante de tal incerteza, os dois jovens começaram a discutir: um assegurava que o da esquerda era o que levava aos atoleiros e o outro affirmava que era o bom.

Acaloraram-se tanto na discussão, que o velho, astuto e experiente, resolveu intervir.

— Basta! Não disputem mais. Assim só perdemos tempo. Você diz que o caminho da esquerda é o bom, pois vá por elle. E você, que diz o contrario, siga o da direita. Vão!

— E você, por qual dos dois irá? inquiriram ambos.

— Eu espero aqui.

Ambos os jovens partiram, um para a direita e o outro para a esquerda.

O velho, á espera, acolheu-se á sombra duma grande arvore.

Passaram-se algumas horas. De repente, viu chegar o jovem que tomara o caminho da direita.

— Que aconteceu, amigo? indagou.

E o outro balbuciou, corrido de vergonha:

— Esse caminho é o que leva aos atoleiros.

O velho tranquillamente replicou:

— Pois tomemos o outro e adeante, amigo! ...

E explicou:

— Tinha de sêr assim. Um dos dois devia estar enganado. Por isso resolvi esperar o que voltasse. Na vida, a gente deve contar mais com os que se enganam do que com os que acertam. E' o que muito poucos fazem. Quasi sempre se acompanha os que acertam. Comtudo, mais ensina um que erra do que cem que não erraram. Adeante! Agora podemos ir seguros, confiantes de estarmos no bom caminho, não porque o outro acertou com elle, porém porque você se enganou. Adeante!

OS PROTECTORES

Meus amiguinhos, eu vejo aqui, criancinhas que cáem, muitas vezes porque os companheiros as empurram estouvadamente e não trabalham pelo interesse dellas.

Essas criancinhas ainda não sabem andar em fila nem ficar quetinhas durante as aulas.

Eu quero lhes dar amigos para tomar cuidado dellas, como si fossem suas mãezinhas, — amigos que as protegerão em todas as occasiões e chamar-se-ão *protectores*, porque o seu dever é proteger.

Proteger é tomar cuidado dos sêres fracos e impedir que lhes aconteça algum mal.

Quem é que protege um rebanho?

E' o pastor.

Quem protege os passarinhos?

E' o pae e a mãe.

E os pobres velhos, quando não têm mais força para trabalhar, quem os protege?

São seus filhos, que já se tornaram grandes e fortes. Trabalham por sua vez para aquelles que os protegiam quando pequeninos, quando ainda eram incapazes de se manter.

Era uma vez uma boa menina chamada Maria.

Indo á rua levar um recado, encontrou-se com uma criança ainda pequenina sentada perto dum cesto muito grande e pesado, sem poder leval-o.

Um enorme cão devorava o que havia no cesto, e a menina chorava.

Maria aproximou-se, enxotou o cão, e perguntou:

— Que tens, minha filha, porque choras?

A criancinha não respondeu, pois ainda não sabia falar bem.

Mas a boa Maria continuou:

— E onde vaes?

— Não sei, respondeu a pequena.

Maria olhou dentro do cesto e viu fatias de pão com manteiga e um pratinho de sopa.

— Vaes ao Asylo?

— Sim.

— E tua mamãe te mandou sózinha?

— Não... meu irmão...

— Ah! entendo: teu irmão te conduzia ao Asylo, e elle é que devia levar o cesto?

— Sim.

— E onde foi teu irmão?

— Não sei.

Mau irmão! pensou Maria; abandona sua irmãzinha na rua, onde cavallo e carros a pôdem esmagar, enquanto que sua mãe conta com elle para protegê-la! E, assim pensando, voltou-se de novo para a criança.

— Pois bem; eu vou substituí-lo. Vem commigo, lhe disse.

Com o seu lenço enxugou-lhe as lagrimas, tomou-a pela mãozinha e carregando o cesto lá se foi para o Asylo.

Sabem o que fez Maria para essa criança?

Ella a *protegeu*.

Vejamos qual de vocês, meus alumnos, quer proteger as criancinhas?

Todos querem protegê-las, mas nem todos podem.

Um protector deve sêr mais forte e mais prudente que o seu protegido.

Comecemos por Aleixo:

E' você digno de sêr protector?

Vejamos o seu comportamento.

De manhã, você chegou ás 8 horas, acompanhando cuidadosamente os seus irmãozinhos.

Leu com atenção as lições da lousa.

Outro dia impediu que dois rapazinhos brigassem.

Muito bem! Merece o nome de protector.

Venha sentar-se perto de mim.

E' sua vez, Helena.

Você é monitora de trabalhos. E' bom signal, próva de que a sua professora está contente.

E' complacente com a pequena Melania e não a deixa abandonada na rua.

Ha dias Theodora quebrou sua linda boneca; você ficou triste mas não fez á estouvada nenhum mal.

Helena é boa e merece o nome de protectora.

E Gustavo, que está com tanta vontade de sêr protector?

Examinemos a sua conducta:

Que fez você, hontem?

Disse uma grosseria á creada que bondosamente lavava o seu rosto sujo.

Esta manhã rasgou o lenço e fez um chicote para chicotear os companheiros.

Hontem deu um tapa no rosto de Lambert.

Sabbado passado . . . mas é bastante.

Vê, meu filho, que enquanto não tiver uma boa conducta, você não poderá sêr protector, porque não sabe proteger.



O PAPAGAIO DE PAPEL DE SEDA

A' sombra da alameda,
Sobre o tapete negro de asfalto,
Um menino
Empina para o alto
Um papagaio de papel de seda...

E' um rectangulo leve,
Pequenino,
De tiras de manilha
Transparente,
Ao qual, como uma aerea maravilha,
Deram os tons do mar e as tintas do poente.

Alguns instantes, no ar parado,
Ficou paralysado;
Mas, em breve,
Num brusco movimento,
Sóbe ao Azul... Leva-o, passando, o vento.

E a linha fina,
Numa ellipse fatal,
Como uma serpentina,
Rapida e de imprevisto desprendida,
Arrebentou-se afinal,
Partida...

E o rectangulo leve,
Parabolas e hyperboles descreve;
E, girando, girando
Rapidamente,
Num corrupio louco,
Baixa...

E, farrapo de seda e de manilha,
Fluctúa . . .
Pouco a pouco,
Num curveteio brando,
Prende-se aos fios telegraphicos da rua.

— Chora uma alma de criança
A aerea maravilha
Confeccionada
Com as tintas do mar e as côres do poente,
Que era toda uma esperança
Fremente
E que se desfez ligeira . . .

Chora,
A' sombra da alameda,
Como choramos a existencia inteira
E pelo mundo a fóra,
Por um sonho, um passado, um quasi nada:
— Um papagaio de papel de seda!

CESAR GODOY.

O LEÃO E A PULGA

(FABULA)

Certa vez uma pulga tranzida de frio resolveu receber as caricias do sol.

De subito, surge um leão bastante satisfeito com o repasto que fizera na matta, e, dirigindo-se ao misero animalzinho, assim lhe brada:

— “O’ minusculo sêr, não te curvas, reverente, ante teu rei? Vae, afasta-te, si não queres sêr esmagado pelas minhas possantes patas!”

A pulga mantém-se imperturbavel deante de tanta propapia, e diz:

— “Majestade: sei que sois forte; sei que sois o valeroso dominador das selvas, emquanto que eu não passo duma pequenina e fragil pulga. Mas, digo-vos, ó vaidoso, que não temo vossa força e, sinão, experimentae!”

E, acto continuo, pulando sobre o dorso do possante animal, pica-o desapiedadamente, daqui e dali.

O leão, colerico, rola pelo sólo, vira-se e revira-se, até que exausto, tentando debalde libertar-se do seu adversario e dar-lhe morte certa, fere-se com suas proprias garras.

A pulga, agil cautelosa, continúa sempre a pical-o evitando ardilosamente deixar-se apanhar.

Final, a féra, reconhecendo inuteis seus esforços, declara-se vencida.

O astuto animalzinho, deixando o vencido em paz, segreda-lhe ironicamente:

“Confessae, ó vaidoso, que nem sempre o forte abate o fraco.”

ANTONIETA PANTOJA DE MORAES.

COMO OS SINOS TANGERAM

(LENDAS ALLEMANHAS)

Conta-se que numa cidade da Allemanha havia uma velha igreja, cujas torres guardavam um thesouro em sinos.

A musica que esses sinos produziam jámais fôra egualada, diziam os habitantes do logar. Não que elles a tivessem ouvido, mas seus paes e avós não se cansavam de descrevel-a.

Os sinos emmudeceram porque o povo havia se tornado muito mau, muito egoista.

Espalhara-se a crença de que elles tocariam de novo, no dia de Natal, quando no altar-mór fôsse depositada a melhor dadiva, o melhor presente.

Em primeiro logar veio o rei e deixou no altar a sua corôa e o seu sceptro. O povo, attento, esperava ouvir o repicar dos sinos, pois o que poderia haver de mais precioso do que esses presentes reaes?

Mas, os sinos não tangeram.

Veiu um soldado e depôz a sua gloriosa espada. Uma mulher collocou ao lado um vestido por ella fiado e tecido. Veiu em seguida uma menina e deixou flôres plantadas, regadas e colhidas pelas suas proprias mãos...

E o campanario, silencioso!

.

Morava nessa cidade um rapazito de nome Pedro. Elle tinha estado semanas e semanas guardando e ajuntando moedas para o seu presente.

Ia a caminho da igreja. Já quasi á porta, ouviu um gemido. Olhou e viu na sargeta um cão, que tinha uma perna quebrada.

Que fez Pedro? A hora adeantava-se. Si voltasse a casa para cuidar do pobre animal, a igreja se fecharia e elle perderia a occasião de contribuir para que os sinos tocassem outra vez.

O cão ganiu de novo.

Pedro tirou a mão do bolso onde estavam as suas ricas moedinhas, ergueu em seus braços o animal e pôz-se a correr para casa.

Ao entrar, chamou logo por seu irmão: "Henrique! Henrique! Vá depressa á igreja levar o meu dinheiro. Corra, que a igreja não tarda a se fechar!"

E Pedro pôz-se a tratar do pobre animal, enquanto Henrique corria á igreja.

No occaso o sol descambava. Seus ultimos raios invadiam o templo onde a multidão, cansada de esperar, desanimava.

Alguns, perdendo a esperança já saham, quando, offegante, entrou correndo um pequeno. Atravessou o povo e foi direitinho ao altar onde depositou as modestas moedinhas.

Repentinamente, do campanario silencioso irrompeu admiravel musica enchendo a igreja, o ar, a cidade toda com sua suave harmonia.

O povo cahiu de joelhos, emocionado por aquella melodia divina.

Numa janella duma casa distante, surgia risonha a carinha de Pedro. Elle tinha nos braços o cão.

Sua esmola fizera tanger os sinos.

NÃO MALTRATEMOS OS ANIMAES

Pedro voltava da escola para casa, que ficava um pouco distante da cidade.

Lá, bem no meio da estrada, avistou um enorme sapo dormindo.

— “Venha, Carlos!” gritou elle ao companheiro, que estava atraz. “Traga uma pedra. Vamos nos divertir com aquelle sapo.”

A’ idéa de judiar do sapo, Carlos chegou correndo.

Um pouco adeante dos meninos ia um pobre burro puxando pesada carroça. Vergado ao peso da carga, o seu focinho quasi tocava no chão. Viu o sapo e não querendo pisal-o, parou. Depois de observal-o por alguns instantes, roçou nelle o focinho acordando-o. O sapo, assustado, pulou para bem longe dos seus malfeitores.

Pedro e Carlos observaram o que acontecera e ficaram bem envergonhados da lição que o burro lhes déra.

— “Não é que este burro tem melhor coração do que nós?” disse Carlos.

— “Vamos pagal-o pela lição que nos deu, ajudando-o a levar a carga?” falou Paulo.

E, immediatamente puzeram hombros á carroça. O burro sentindo a sua carga mais alliviada, ergueu a cabeça e... logo estava o caminho vencido.

Os meninos seguiram, contentes por não terem judiado do pobre sapo, e ainda mais satisfeitos por terem ajudado o burro que lhes ensinára a não maltratar os animaes.

O AVÔ

Ao vêr o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido:
“Ah! quem me dera voltar
A estar assim entretido!

Quem me dera o tempo quando
Castellos assim fazia,
E que os deixava ficando
A's vezes para outro dia!...

E toda a tristeza minha
Era, ao acordar p'ra vê-lo,
Vêr que a criada já tinha
Arrumado o meu castello.”

E enquanto o avô scisma e, triste,
Lembra a infancia que lá vae,
Já mais uma casa existe
Ou mais um castello cáe.

E o neto, olhando afinal,
E vendo o avô a chorar,
Diz: “Cahiu, mas não faz mal:
Torna-se já a arranjar.”

FERNANDO PESSOA.

O JARDIM DA VOVÓ

X

Lulú também quiz ter o seu canteiro.

Preparou o terreno e semeou as sementes, mas no fim dalgum tempo, desanimado, chegou-se á vovó:

— Porque será que o matto cresce mais depressa do que minhas flôres?

— O matto nos jardins, é como os maus pensamentos, as más acções nos corações: — precisam sêr sempre combatidos. E' necessario que os canteiros estejam tão cheios de flôres, que não haja logar para matto.

E quando se descobrir uma planta damninha, cumpre immediatamente arrancal-a.

— Vou encher de flôres o meu canteiro, vovó!

— E o coraçãozinho de bons sentimentos, meu neto.

A propósito, vou contar-lhe uma historia.

— Que bom! Até sobre o matto vovó sabe historias!

— Certo rei foi levado, quando bem pequeno, a um castello, no alto duma montanha e entregue aos cuidados dum velho, que o ensinou a observar as estrellas, as flôres, as nuvens, as montanhas, e tudo que de bello havia ao seu redór.

O menino passava horas e horas semeando e cuidando das plantas do seu jardim, onde não se encontrava siquer uma planta damninha. O seu coração também se conservara limpo como seus canteiros.

Fez-se homem e foi governar. Na sua primeira visita pelo reino aborreceu-se immensamente, ao vêr que seu povo era mau e vadio. Por toda a parte havia miseria e falta de asseio; na escuridão escondiam-se, amedrontados, seus vassallos.

Triste e pezaroso voltou ao castello na montanha. Uma unica idéa o preocupava: tornar o seu povo melhor e mais feliz; livral-o dos maus habitos.

Trabalhando em seu jardim, reflectiu: Si elles plantarem e cuidarem da terra, não só receberão o fruto do seu suor e serão prosperos, como ainda não terão tempo para occupar-se com maus pensamentos.

Na seguinte manhã levou-lhes sementes, ordenando que todos as plantassem e dellas cuidassem: ricos e pobres, velhos e moços.

Por toda a parte homens, mulheres e crianças começaram a cavar a terra e a plantar. Não havia mais tempo para rixas, roubos e questões. Todos eram felizes.

Dia após dia, cuidaram das suas plantações regando-as, limpando-as, ansiosos por saberem o que diria o rei quando voltasse.

No dia da colheita veio o rei. Por todá a parte notou elle grande differença. A abundancia substituiu a miseria. Todos, de semblantes francos, corriam a acclamar o soberano á sua passagem.

O rei não cabia em si de contente. Dirigindo-se ao povo, disse-lhes. "Aprendam que no trabalho está a verdadeira alegria. Ainda mais: que si enchermos nossas mentes com bons pensamentos, não haverá logar para os maus. Conservemos nossos bons habitos e seremos fortes, sabios e alegres. Não deixemos que as plantas daminhas, que os maus habitos se apoderem dos nossos corações. Cultivemos plantas taes como: a bondade, a honestidade, a boa vontade, a fanqueza, a gratidão, a simplicidade, a modestia, a paciencia etc.

Plantas inimigas, como a preguiça, a ingratidão, o desmazelo, a deshonestidade, a mentira etc., gostam muito de se introduzir nos nossos corações. Precisamos exterminal-as, pois são mui nocivas á nossa alma."

TIRADENTES

Na praça da Lampadosa,
Alguem na forca expirou:
— Quem morre assim infamado?!
— Que culpa enorme o manchou?!

E' Tiradentes, que paga
Co'a vida, o seu grande amor:
Lutou pela Liberdade,
E morre como traidor!...

Elle morre, num sorriso
Inda vibrante de fé;
Sonha uma Patria grandiosa,
Livre, altaneira, de pé!

E o sangue de Tiradentes
E as dôres que padeceu,
São para a Patria querida,
Como um orvalho do céu.

Salve, martyr glorioso!
O teu grande patriotismo
Será um exemplo fecundo
Do bem, de amor e civismo!

CAROLINA RIBEIRO.

(Dum livro em preparo.)



O RATO E O SAPO

(FABULA)

Um rato, inexperiente da vida, hospeda em sua casa um galhofeiro sapo.

Este, ardiloso e velhaco, contando mil mentiras ao ingenuo amigo, convida-o a visitar terras pelo mundo afóra e juntos fazerem fortuna.

O tolo do rato, acreditando sinceramente nas promessas do amigo, firmou o trato.

Sahiram ambos pelo mundo, levando o rato pesada bagagem ás costas. O sapo, risonho, observador e velhaco, saltando ligeiro daqui e dali, apanhava mil bichinhos devorando quasi todos e dando ao companheiro sómente as sóbras.

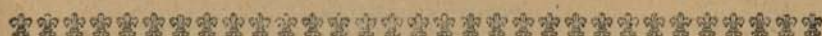
O pobre rato, arcando com o peso da carga que conduzia e mal alimentado, acompanhava pacientemente o amigo.

E assim, dias se passaram.

Afinal, o rato veio a succumbir ao peso da carga e pela fome.

O sapo, vendo o amigo morto, dando uma risada sarcastica, maldosamente exclama: "Tolo é aquelle que se fia em promessas alheias!"

ORLANDO MORAES.



METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

OBJECTIVO ENCONTRADO NA NATUREZA DA VIDA

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(*Continuação*)

A vida é simples, é a escolha do valor ideal da alma contra todos os outros interesses que podem reclamar reconhecimento. A escolha deve sêr feita apenas entre duas coisas: o sêr presente real, e o sêr futuro, ideal, em obediencia á doutrina que “Aquelle que encontra sua vida, perdel-a-á.” Isto abrange toda a lei. A vida real e verdadeira da alma é encontrada unicamente perdendo o sêr real, que sempre constitúe a escravidão ao sêr ideal. Toda escolha que se faz na vida é feita entre estes dois sêres: e um delles precisa forçosamente sacrificar-se ao outro. A lei do sacrificio proprio significa apenas que o sêr inferior é sacrificado ao superior. O verdadeiro sêr jámais será sacrificado.

Desde modo parece que a lei da vida é dada interiormente e não imposta externamente. E' necessario, durante uma phase inferior de desenvolvimento moral, apresentar leis como si estas recebessem seu valor da força e autoridade exteriores. “Não furtarás,” era, para os filhos de Israel, uma autoridade directa e externa do céu; e o estado impõe esta lei aos seus subditos; ainda assim todos que têm attingido a consciencia propria sabem que esta lei origina-se da sua propria natureza. Quando um homem rouba um cavallo, a perda do cavallo é de importancia minima para o seu dono; o facto grave é a perda do homem que rouba o cavallo. E' facil comprehender como se possa supportar a perda dum cavallo; mas é difficil imaginar

como alguém seja capaz de sêr o ladrão. O direito de propriedade é base para o estado impôr leis contra os hábitos desonestos; mas um pouco de reflexão convencerá a todos que a lei tem sua extrema aprovação no individuo a quem a ella é imposta. A sua dignidade propria prohibe — “Não matarás” em tom muito mais energico que qualquer lei do estado já-mais proclamará, porque assim fazendo matará a sua propria alma. O cidadão eleva-se á liberdade civil á medida que reconhece que as leis publicas são subjectivamente approvadas, e que rendendo-lhes obediencia, elle está apenas obedecendo a si mesmo.

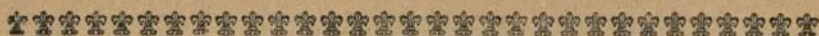
O homem honrado não se atormenta com a autoridade exterior mas vive sob uma lei imposta a si mesmo. Elle preoccupa-se mais em sêr justo para com todos do que si todos fossem justos para com elle. Quando o mancebo, atordado pelo vinho, se gaba de sêr este um paiz livre, elle apenas quer dizer que não ha leis exteriores que o privem de proceder como lhe apraz nesse determinado ramo de orgia, mas elle assim mostra sêr o mais desprezível dos escravos, estando brutalmente inconsciente ou indifferente a uma lei interior que impõe a pena de morte por grandes crimes contra si mesmo. Elle não percebe que a liberdade é antes uma força voluntaria contra a restricção, do que a falta de restricção, e que a verdadeira vida é esta liberdade.

A luta vital dá-se na propria alma. O amor ao dinheiro póde oppôr-se ao sentimento mais elevado do bem-estar da alma. Lutam pela posse. Sendo antagonistas, não podem coexistir. Resume-se nisto: a alma está em luta com o seu proprio bem-estar. Indispõe-se comsigo mesma e luta com os interesses mais baixos, pela sobrevivencia daquillo que a divina luz da razão mostra estar em harmonia com o verdadeiro sêr. E’ uma luta silenciosa mas heroica, no unico dominio sobre o qual o homem impera; uma luta imposta pela propria alma resoluta para estabelecer seus mais elevados direitos contra os appetites, desejos, impulsos, preconceitos e tudo quanto no mundo inferior luta pelo dominio no reino do sêr humano. E’ verdadeiramente uma luta da alma comsigo mesma pela con-

quista do melhor que nella existe. Tudo que se possa dizer da lei natural no mundo espirital, é aqui uma lei espirital que não apresenta parallelo no mundo natural. No mundo natural os objectos lutam com coisas exteriores afim de sobrepujal-as; os mais capazes conseguem-n-o. Mas o animal não luta para sobrepujar porque seja o mais capaz ou o melhor; ao passo que a alma luta consigo mesma para a conquista do melhor. Quando o homem perde seu estímulo em tal luta, elle torna-se animal; está espiritualmente morto. Enquanto lutar, não estará perdido; a providencia virá finalmente em auxilio da sua natureza melhor.

O homem luta com objectos exteriores — com a natureza, para dominio sobre suas forças; com o seu semelhante no arbitro final da espada; mas a sua real, sublime, heroica luta de vida e morte é com o seu proprio dominio subjectivo. Ahi é que se acha o verdadeiro campo de batalha do mundo. Ahi se desenrolam as batalhas decisivas — as “Gettysburgs” e as “Waterloos.” Sem ruido ou ostentação, todavia ahi estão os actos de valor heroico e nobre sacrificio proprio. Durante a conquista do Mexico, enquanto exercitos enormes empenhavam-se em luta, dois homens no topo dum alto templo, empenhavam-se num combate mortal. No momento sublime, em que cada um procurava derrubar o outro daquella altura vertiginosa, os exercitos embaixo, percebendo o espectáculo, esqueceram a peleja para observar o desfecho. No templo do coração humano desenrola-se uma egual contenda, e pudéssemos nós observá-la, que tambem suspenderíamos nossas lutas de obrigações quotidianas e nossa vida movimentada, para contemplar o resultado — si a alma, estimulada pelo seu proprio reconhecimento de valor resiste álgum inimigo entrincheirado, para deslocá-lo do seu templo de communhão com o seu Creador.





EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

JÓGOS MIMICOS

Os exercicios mimicos, que desempenham papel tão importante na educação physica, aproximam-se, na fôrma, da gymnastica, mas possúem qualidades taes, que facilmente pôdem sêr incluídos na lista dos jógos. Pôdem sêr feitos tanto na sala de aula como ao ar livre, mas, sempre que fôr possível, devem sêr de preferencia, ao ar livre.

Estes que passamos a dar, lembrarão ao professor outros muitos de que poderá fazer uso.

Os jógos mimicos exercitam a respiração, os membros superiores e os musculos mais importantes do organismo, desenvolvendo ao mesmo tempo destreza, agilidade e imaginação, e especialmente alegria.

AEROPLANOS

1.º — VESTIR UNIFORMES. — Primeira posição. *Um*: erguer as mãos para alcançar a roupa; *dois*: collocar o capacete; *tres*: atacar as botas. Vamos vêr quem ficará prompto primeiro.

2.º — CORRER NO CAMPO DE AVIAÇÃO. — *Um*: sentido; *dois*: pé esquerdo á frente; *tres*: partir. Uma fila atraz da outra corre ligeiramente nas pontas dos pés, ao redór da sala ou do recreio, voltando depois aos seus logares.

3.º — OBSERVAR O TEMPO. — *Um*: olhar acima, para as nuvens; *dois*: voltar a cabeça á esquerda; *tres*: á direita. (Cada exercicio poderá sêr repetido uma, ou varias vezes.)

4.º — ACENAR A UM AMIGO PARA ACOMPANHAL-O. — Elle não o viu. Chame-o outra vez. Agora, com as duas mãos.

5.º — EXAMINAR O MOTOR. — Vamos verificar si tudo está em ordem. *Um*: para baixo. Todos se abaixam e examinam o mecanismo. *Dois*: para cima. Em pé, procuram uma chave inglesa. *Tres*: para baixo. Apertam um parafuso. *Quatro*: para cima. Querem a chave menor. *Cinco*: para baixo. Apertam o parafuso menor. *Seis*: para cima. Tudo está em ordem. Podemos levantar vôo.

6.º — VIRAR A MANIVELA. — Pegando a manivela imaginaria, dão varias voltas. O motor não quer funcçionar. Experimentem com a outra mão. Prompto! Pulam para os seus logares e seguram o *guidon*. (Quando nas salas, as crianças sentam-se nos seus logares para segurar o *guidon*.)

7.º — O AEROPLANO PARTE ATRAVÉS DOS ARES. — As crianças levantam os braços na posição horizontal-lateral e inclinam o tronco successivamente á esquerda e á direita, ao compasso de *um, dois*.

8.º — O AEROPLANO DESCE. — Primeira posição. Uma fila atraz da outra, corre nas pontas dos pés ao redór da sala ou do recreio.

9.º — COMO É BOM VOLTAR Á TERRA! — *Um*: inspirar; *dois*: expirar. Outra vez: *um, dois*, desta vez profundamente.

*
**

PASSARINHOS APRENDENDO A VOAR

1.º — PASSARINHOS Á BEIRA DO NINHO. — Os alumnos, de cócoras, sem apoiar as mãos no chão.

2.º — ENSAIAM AS PERNAS. — A' contagem de *um, dois*, levantam-se e abaixam-se nas pontas dos pés.

3.º — ENSAIAM AS AZAS. — *Um*: braço na posição horizontal-lateral; *dois*: mãos aos hombros. (Repete-se este exercicio varias vezes.)

4.º — PASSEIAM PELOS GALHOS VIZINHOS. — Mãos nas cinturas, pés juntos, os alumnos pulam nas pontas dos pés.

5.º — DEIXAM A ARVORE. — Todos em pé, com os braços estendidos, correm ao redor da sala ou do recreio, movimentando os braços.

6.º — ESTÃO MAIS FORTES. — Correm mais depressa, movimentando mais os braços.

7.º — VOLTAM AO NINHO. — Ficam em pé no lugar donde partiram. Levantam os braços. *Um*: inspirar, *dois*: expirar. (Varias vezes.)

*
**

O CRESCER DAS FLÔRES

1.º — SOPRA VENTO BRANDO. — Correm ligeiramente ao redor da sala ou do recreio, levantando e abaixando os braços.

2.º — A CHUVA CÁE. — Braços em posição vertical acima da cabeça, vêm aos poucos descendo até que os dedos toquem ao chão. Repetir o exercicio varias vezes, com movimento exclusivamente do tronco.

3.º — O SOL BRILHA. — O braço esquerdo aponta em direção ao nascente e dá a volta até o poente. Depois, o direito.

4.º — AS FLÔRES COMEÇAM A CRESCER. — Põem-se de cócoras e levantam-se devagar até á 1.ª posição. Repetem o exercicio. As diferentes flôres crescem em épocas diferentes e com differente desenvolvimento; assim, não devem as crianças executar este exercicio ao mesmo tempo.

5.º — AS FLÔRES CURVAM-SE Á BRISA. — Movimentos do tronco á esquerda e á direita.

6.º — ELLAS RECEBEM O AR PURO E A LUZ DO SOL. — Respiram profundamente; rostos e braços levantados.

7.º — AS CRIANÇAS VÃO AO CAMPO COLHER FLÔRES. — Dão a volta na sala ou no recreio, com passos rythmicos, parando depois de cada 4.º passo para abaixar-se e colher uma flôr.

8.º — CHEIRAM AS FLÔRES. — Respiram profundamente, fazendo o ar entrar e sair pelas narinas.



O VENTO

1.º — As crianças saem correndo a brincar ao vento.

2.º — Olham, apontando para as nuvens que predizem os ventos.

3.º — CATAVENTOS. — Abrem os braços na posição horizontal-lateral, voltando vagarosamente o tronco á esquerda e á direita.

4.º — EMPINAR PAPAGAIOS. — Levam os papagaios ao ar, correm um pouco para traz; puxam, guiam, observam o papagaio; recolhem-n-o e enrolam o fio.

5.º — MOINHOS DE VENTO. — As crianças ficam aos pares, costa a costa. *Um*: braços esquerdos inclinados, entre posição vertical emcima e horizontal-lateral; braços direitos em posição inclinada um pouco desviados da 1.ª posição. *Dois*: revesando, braços direitos emcima, e esquerdos embaixo. (Todos estes exercicios podem sêr repetidos varias vezes.)

6.º — ARVORES INCLINANDO-SE AO VENTO. — Fluctuar das folhas: movimentos com os dedos; balouçar dos galhos: movimentos com os braços; curvar de toda a arvore: movimentos com o tronco. (Cada um destes exercicios poderá ser feito á frente, aos lados etc.)



O LINHO

Este brinquedo representa processo de segar, cardar, fiar e tecer o linho.

1.º — As crianças formam em filas de cinco. Ao som da musica, saem dansando, a começar com o pé esquerdo. 2.º — Cortam o linho com as suas foices, da direita para a esquerda.

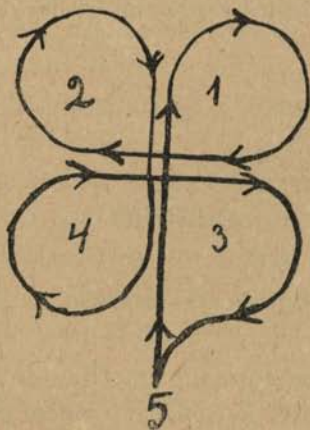
3.º — Amontoam, á direita, o linho cortado. 4.º — Voltam á posição. 5.º — Repetem desde a 1.ª phase, para depois executarem o côro.

Côro. — A 1.ª criança de cada fila colloca as mãos na cintura; as outras collocam as mãos nos hombros das deanteiras. Correm com passos curtinheiros fazendo circulo, para voltarem de novo á posição inicial.

1.º — Erguem o linho do monte á direita. 2.º — Jogam-n-o por meio de ancinhos que estão á frente. 3.º — Cardam-n-o com os dedos. 4.º — Voltam á posição. 5.º — Repetem o exercicio para depois seguir-se o côro.

1.º — A 2.ª criança de cada fila passa á esquerda da 1.ª e a 4.ª á esquerda da 3.ª As quatro unem ao centro as mãos direitas. Esta quadra representa a rôda de fiar. A 5.ª criança é a fiandeira, que vira o fuso com o pé e retira da rôda, com a mão esquerda, o fio.

Vem novamente o côro. As crianças fórman a mesma quadra da 3.ª parte. Estão agora representando o tear, em que a 5.ª criança é o tecedor que corre entre o tear, seguindo a direcção dada pelo diagramma junto. Finaliza o jogo com o côro.



UMA VISITA AO JARDIM ZOOLOGICO

1.º — Em vez de irmos de bonde ou de automovel, vamos todos de bicycleta. Em fila, todos com os braços á frente imitando segurar nos *guidons*, correm levantando bem os joelhos a cada passo.

(Uma marcha tocada ou cantada presta-se para este exercicio.)

2.º — Comprimos balas em saquinhos de papel. Esvaziados os saquinhos, enchamol-os de vento para arrebental-os. Os alumnos respiram profundamente repetidas vezes. Finalmente, batem palmas para simular o barulho que fazem os saquinhos ao arrebentar.

3.º — Visitemos as jaulas dos differentes animaes. Um alumno é destacado e em frente á classe procura imitar um animal, sendo imitado pela classe.

4.º — Visitemos os *elephantes* e lhes demos de comer. Troncos inclinados á frente, braços cahidos á frente, mãos juntas, para representar a tromba.

Passos vagarosos á frente, braços balançando-se de lado a lado.

5.º — Depois, visitemos os *ursos*. Mãos nas cinturas, troncos inclinados á frente. A' contagem de *um, dois*, inclinam ou torcem o corpo successivamente á esquerda e á direita.

6.º — Agora, vamos vêr os *kangurús*. Mãos recurvadas junto ao peito, imitando as patas deanteiras. Abaixam-se e desta posição dão saltos compridos á frente; sempre nas plantas dos pés.

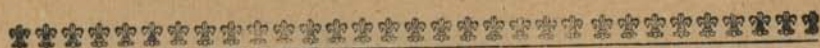
7.º — E' a vez das *girafas*. Em pé nas pontas dos pés, braços acima da cabeça e palmas das mãos juntas. A' contagem de *um, dois*, viram os troncos á esquerda e á direita.

8.º — Vamos agora vêr os *cavallos* e nelles dar uma volta. Pés esquerdos á frente, redeas presas; dobrar alternativamente á frente o joelho esquerdo e o direito. Galopar, depois, ao redór da sala ou do recreio ao som de marcha accelerada.

9.º — Quantos *passaros* voando! Correm ao redór da sala, braços extendidos e em movimento imitando azas dos *passaros*. A musica deve variar de andamento, conforme o vôo do *passaro* que representa.

(Outros muitos *animaes* pôdem sêr imitados, proporcionando este jogo bom divertimento quando executado com originalidade.)

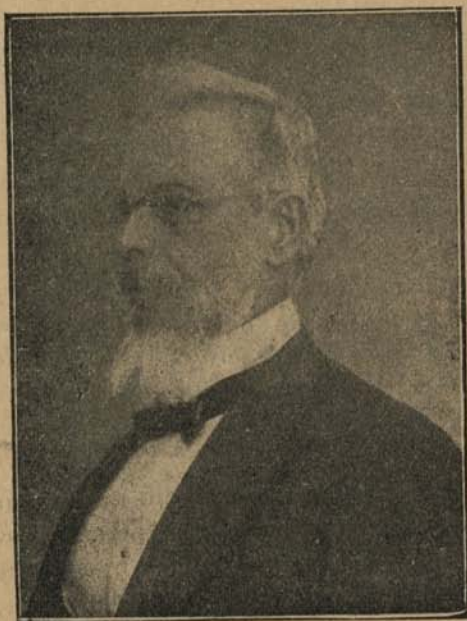




VULTOS E FACTOS

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)

GALERIA NACIONAL



BERNARDINO DE CAMPOS

Desde que se operou a mudança do regimen e a Republica veio, quasi por milagre, substituir a monarchia, poucos vultos, entre nós, conseguiram galgar a culminancia a que, pela honradez e pela majestade da conducta, alcançou esse genio da politica que foi Bernardino de Campos.

Para os que aprenderam, como nós, em Carlyle, a crêr nos homens cuja existencia cabe integra dentro da concepção dos valores que os elegeram acima do nivel commum, Ber-

nardino de Campos é, além de uma affirmação positiva de grandeza, um dos vultos integraes do nosso passado republicano. A distancia do tempo em que elle viveu dá-nos a precisa serenidade de argumentos para admirar-o sem desproporções, para reflectir sobre os seus actos — publicos ou particulares — e para, emfim, formar um juizo definitivo sobre a acção do homem e do estadista.

Duas características o definiam perfeitamente: — *bondade e patriotismo*.

Nunca se vislumbrou na vida do illustre brasileiro, a menor parcella de arrogancia, nem tão pouco desejo de notoriedade: — politico, soube vencer pelo patriotismo; homem, dominou pela bondade. Alliando assim o character e o coração, quebrava nas mãos dos inimigos as armas com que — sem forças para vencel-o como juizes — intentavam diminuil-o pelo ataque rasteiro.

A prova decisiva do valor e da firmeza que conjugavam o seu heroismo pessoal, está na consciencia exacta com que se desempenhou dos mais arduos deveres civicos e sociaes, na admiração e no respeito que soube suscitar, não sómente entre os companheiros de jornada, mas entre os proprios adversarios politicos.

Para nós o seu nome é um exemplo e uma bandeira. Exemplo de amor, de bondade e de grandeza de alma; bandeira de fé patriotica, de entusiasmo civico e de coragem dignificante. A sua vida, como a biographia dos grandes homens, é um livro civico, um livro inspirado no grande amor da Patria e da sociedade em que viveu. Saibamos lê-lo com a mente e o coração, reflectindo no espelho dos seus actos os nossos proprios actos e seguindo de perto a bella e duradoura lição dos seus dias.



ESCOTISMO

O escoteiro "sabe obedecer." Compreende que a disciplina é necessidade de interesse geral.

A disciplina é a lei da harmonia no meio da luta. E' a disciplina que organiza, que ordena, que impõe o bem e execra o mal; que julga as acções, regulamenta os deveres e legisla. Sem ella não póde haver nação, sociedade ou familia.

Imaginae um navio sem commando: — naufraga; um povo sem governo onde todos mandassem; uma casa em que os filhos tivessem a mesma autoridade que os paes. Seria a anarchia; a desordem, o exterminio.

Disciplina, porém, não quer dizer obediencia sem principio, submissão e aviltamento. Quer dizer, sim, compreensão de deveres, elevação de conducta, distincção. Disciplina é saber dizer *sim*; disciplina é saber dizer *não*.

Conclue-se do exposto, que "aos deveres dogmaticos, ás concepções de deveres absolutos," provindos das tradições puramente religiosas, devemos accrescentar, em linha de harmonia, os deveres sociaes. Seria erro de doutrina crêr na subsistencia dum principio sem a conjugação directa do outro.

A' fé religiosa unamos a fé humana que nos congrega, e assim serviremos aos nossos semelhantes, consequentemente a Deus. Dessa compreensão resultará, sem duvida, a perfectibilidade humana.

O homem caminha para a verdade num meio variavel, entre contrastes e lutas. E' preciso, pois, para vencer todos os embates, que o sentimento do dever inspirado no direito, o dirija. Quanto mais se estabilizam os direitos humanos, pelo esplendor da justiça, mais se vae arraigando em nós a compreensão dos nossos deveres, mais se vae accentuando esse traço-de-união

entre o individuo e a sociedade a que elle pertence. E dahi a harmonia, que é o bem, a felicidade.

A disciplina é, portanto, uma correspondencia reciproca de obrigações e de deveres; *é a vontade submettida ás leis da consciencia; é o principio legal de ordem e de trabalho.* Não importa apenas OBEDECER; é preciso, como ordena o Codigo dos Escoteiros, SABER OBEDECER, afim de que a disciplina se torne a chave-mestra das nossas obrigações e dos nossos deveres sociaes.





O «FOLK-LORE» NAS ESCOLAS

DIABOS A DAR E VENDER...

Habitava em sua fazenda de gado, denominada “Boa Sorte,” nos sertões de Quixeramobim (Ceará) uma família conhecida pela alcunha de “endiabrada,” devido ao condenável habito de chamar pelo diabo, a todo o proposito e até mesmo fóra de qualquer proposito.

Duma feita, ao fazer penosa penitencia, pelo tempo da secca, foram o Rev.^{mo} P.^o Benicio e sua comitiva arranchar-se naquella fazenda.

Muito bem recebidos, accomodaram-se na sala, onde foram armadas para todos, commodas rêdes bordadas e “avarandadas.”

Um tanto somnolentos, não podiam conciliar o somno por causa da algazarra da hospitaleira familia, na azafama e teimas no interior da casa, a preparar atrapalhadamente boa e abundante refeição para taes hospedes de cerimonia. A palavra por todos assás repetida em alta voz era, já se sabe — diabo.

O sacerdote dominava com evangelica paciencia e resignação sua enorme contrariedade, mas o diapasão, ao chamar diabo, augmentou de tal modo, que S. Rev.^{ma} dirigindo-se ao chefe da familia, disse-lhe delicadamente:

— Tenha a bondade de providenciar para que não se chame tanto pelo maldito. Repare que a palavra mais repetida e que mais se ouve nesta casa é — diabo... Sou um sacerdote; não devo e não posso tolerar isto.

“João Diabo,” que era o chefe da casa, achou que o bom padre tinha carradas de razão e disse-lhe:

— Espere um “instantinho,” *tenha mão* (1) *seu vigaro*, que eu acabo já, já, com essa diabada todinha.

(1) — *Ter mão* — ter paciencia; não se exaltar etc.

Voltando-se, então, para o interior da casa, vociferou:
 — Que diabo de diabada é essa ahi dentro, “cum” todos os seiscentos milhões de diabos? Irra! E’ diabo p’ra cá, diabo p’ra lá; parece um inferno “cum” todos os diabos! Aca-bem já, já, com essa diabada ahi dentro, “cambada” do diabo!

*
**

A YARA (2)

— “Vive boiando á flôr das aguas como os nenufares. E’ linda como a lua nas noites mais claras. Seus cabellos têm a côr das flôres do pau d’arco e o brilho do sol; suas faces tiraram o rosado das pennas da colhereira e das flôres da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ella.” Vive no fundo mysterioso dos rios e, á tarde, quando o sol se despede, inundando de luz os horizontes remotos, ella apparece como um nenufar boiando nas aguas do igarapé... (3)
 E’ a “Yara.”

Diz a lenda que quem a vê uma vez, nunca mais a esquece, e que a sua appareição é um presagio de agonia e de morte...

*
**

EPISODIOS DE CAÇADAS

Quaresma, o nosso heróe, caçador inveterado, não descuidava. Sempre que havia numero, narrava as suas façanhas e com tal ardor e paixão que, ás vezes, conseguia *embrulhar* (4) os ouvintes, persuadindo-os de que, de facto, elle era um grande caçador e de que tudo o que contava era verdadeiro. Os “causos” acudiam-lhe em borbotões; — tigres, e antas, e queixadas,

(2) — *Yara* — Uma das mais bellas descrições da lenda da *Yara*, é a fixada pelo nosso grande regionalista — Affonso Arinos de Mello Franco. A *Yara* é uma lenda amazonica, de origem tapuya.

(3) — *Igarapé* — de *igara*, pequena canôa; pequeno canal navegavel com igaras.

(4) — *Embrulhar* — enganar, illudir.

e lobos, e onças, e veados cahiam sem cessar, aos tiros do seu implacavel fusil.

Num certo momento, contava Quaresma entusiasmado a historia duma caçada no Iguassú. Já havia tres tigres (?) mortos; o quarto estava agachado numa forquilha de ingazeiro, *acuado* (5) pelos cães.

Todos esperavam o lance, e Quaresma já ia “levando a arma a ponto de mira,” quando um dos caboclos que o ouviam, saltou-lhe emcima segurando-lhe com as duas mãos o braço direito.

— Não, desgraçado! Este você não mata! Não deixo! Você já matou tres... é demais! Deixe este *p'ros outros*... Uma gargalhada geral *encafifou* (6) o caboclo duma vez...

*
**

“PAE JOÃO”

(CYRO COSTA)

Do taquaral á sombra, em solitaria *furna*, (7)
Para onde com tristeza o olhar curioso alongo,
Sonha o negro, talvez, na solidão nocturna,
Com os límpidos areaes das solidões do *Congo*! (8)

Ouve-lhe a noite a voz plangente e taciturna
Num magoado suspiro entrecortado e longo,
E o rouco surdo som zumbindo na *cafurna*. (9)
E' o *urucungo* (10) a gemer na cadencia do *jongo*. (11)

Bemdito sejas tu, a quem, certo, devemos
A grandeza real de tudo quanto temos.
Sonha em paz; sê feliz, e que eu fique de joelhos

(5) — *Acuado* — perseguido.

(6) — *Encafifar-se* — encabular-se, desageitar-se etc...

(7) — *Furna* — caverna, cóva, lapa;

(8) — *Congo* — região africana.

(9) — *Cafurna* — o mesmo que *furna*.

(10) — *Urucungo* — instrumento de musica dos negros.

(11) — *Jongo* — dança usada pelos negros, nas fazendas.

Sob o fulgido céu, a relembrar, magoado,
Que os frutos do café são globulos vermelhos
Do sangue que correu do negro escravizado.

*
**

A ONÇA E O MACACO

A onça, velha turróna (12) e pretenciosa, brigou certa vez com o ardiloso e astuto macaco.

Por causa disso resolveu a onça comer o macaco; mas, como elle é o bicho mais ladino e desconfiado do matto, ella não achava geito. E então, a onça para armar um plano e segural-o, preveniu alguns bichos que eram inimigos do macaco, e espalhou o boato que estava para morrer.

No dia seguinte amanheceu deitada na tóca, entanguida, (13) e o lobo, ao lado, velava a defunta.

Todos os bichos vieram vê-la; e o macaco também.

Quando elle chegou á porta da tóca, perguntou:

— Mestre lobo, a onça morreu?

— Morreu, não está vendo?

— Ella já roncou? perguntou o macaco. Eu sempre ouvi dizer que quem morre ronca.

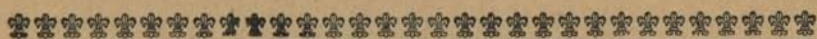
Então a onça, para provar que tinha morrido, roncou devagarinho.

— Mestre lobo, disse o macaco, defunto que ronca é mau signal; adeus...

E fugiu para a mais alta arvore da vizinhança.

(12) — *Turróna* — (masc. de turrão) teimosa.

(13) — *Entanguida* — inteiriçada.



LIVROS, REVISTAS ETC.

PENSAR E DIZER, *pelo professor*
Romeu Pinho.

Do Sr. Romeu Pinho, professor em Agudos, recebemos a obra "Pensar e dizer," em que o autor desenvolve uma série de boas lições tendentes a cultivar a linguagem falada e escrita do alumno.

Num dos topicos do seu prefacio diz aquelle educador: "O professor que quizer iniciar, com calma e benevolencia, os seus alumnos nas simples regras de redacção, verá como as vacillações e deficiencias desaparecem ao cabo de tres mezes."

O livro de que ora tratamos é, sem duvida, de consideravel valor para os cursos adeantados.

Escrito em linguagem simples e clara, "Pensar e dizer" é um trabalho muito aproveitavel aos que se dedicam ao ensino do nosso idioma, pois lhes offerece orientação segura para ministrarem proveitosamente suas lições.

Muito lucrarão, pois, as classes superiores de Portuguez, onde o mestre, sabendo tirar partido da leitura que o referido livro encerra, adopte os processos nelle estabelecidos.

Ao autor, gratos pela offerta.

*
**

LECTURE PREPARATOIRE, *pelo professor*
Eugenio Pinto da Fonseca.

E' esse o terceiro livro de leitura franceza, da série que vem publicando o professor Eugenio Pinto da Fonseca.

Como "Historiettes" e "Quelques histoires," do mesmo autor, a obra "Lecture preparatoire" é, inquestionavelmente, de grande utilidade aos estudantes de Francez.

O Sr. Eugenio Pinto da Fonseca, dando perfeito desempenho á tarefa que se impôz, tem sabido graduar seus livrinhos de fórma a todos elles bem aproveitarem ás diversas classes, ou aos diversos periodos a que cada um delles se destina.

Accresce ainda ter o autor imprimido aos seus trabalhos uma côr local, aproveitando sempre livros de autores nacionaes e adaptando-os, intelligentemente, de accordo com a indole da lingua em que são vertidos. E' o que se observa na presente obra.

O novo livro "Lecture preparatoire," do operoso professor, além de sêr de grande alcance para as nossas escolas, traduz um esforço digno de justos encômios.

Gratos pelo exemplar enviado a esta redacção.



SECRETARIA DO INTERIOR

INSTRUÇÃO PUBLICA

Varios despachos, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior

MARÇO — 1926:

D. JACY VEIGA DOS REIS. — Deante da conclusão do laudo, a supplicante não tem direito á licença nos termos do artigo por ella invocado, pelo que indefiro o pedido, ficando salvo requerer licença pelo artigo 7.º ou completar as próvas reclamadas pela junta medica. E' de se assignalar que seu requerimento veio sem informação da competente autoridade escolar.

A ultima parte desse dispositivo constitúe excepção e é regulada pelo paragrapho unico. "Em caso de doença o empregado é obrigado a fazer communicação immediata de seu estado á autoridade competente, e a impetrar a licença dentro de oito dias improrogaveis." Assim, ainda mesmo na urgencia da citada lei n. 1521, de 1916, não podia a supplicante interromper o exercicio do cargo, pura e simplesmente, porque requereu a licença do art. 19 da citada lei, com determinado inicio, porque tambem essa licença especial está na dependencia da concessão da autoridade competente, e mais ainda, porque a lei só estabelece uma excepção unica — a da molestia.

A situação da supplicante, entretanto, é regulada pelo paragrapho 3.º, art. 44, do dec. 3858, de 1925, por força de emenda approvada pelo poder legislativo, e que de modo expresso reproduziu a lei anterior com pequenas modificações: "Os demais funcionarios didacticos e administrativos da Instrução Publica poderão interromper o respectivo exercicio em caso de molestia, devendo communicar immediatamente á autoridade competente seu estado e proval-o mediante attestado medico

offerecido com o requerimento de licença, dentro do praso legal de oito dias.”

O inicio declarado para licença de funcionarios, que não são professores primarios ou complementares, está egualmente subordinado ás exigencias legais, que devem sêr satisfeitas, embora sejam differentes e menos rigorosas que os requisitos relativos aos professores primarios e complementares. Ora, a supplicante não justificou e nem tentou mesmo justificar taes requisitos, pelo que a licença só podia sêr concedida sem o inicio pedido, conforme consta do despacho de 26 de fevereiro proximo findo e da respectiva portaria.

Trata-se de lei expressa, cuja ignorancia não pôde sêr allegada, principalmente por professor de ensino secundario, em relação á lei que regula e rege suas funcções, direitos e deveres.

D. ALZIRA DE SOUZA VALLE. — Indeferido, á vista das informações, pois o facto allegado, aliás impressionante, não justifica licença. A supplicante, em seu primeiro requerimento, requereu licença para tratamento da saúde, e, mandada á inspecção medica, deixou de comparecer, pelo que foi indeferido. Agora, em seu segundo requerimento augmenta o prazo da licença, sem nova allegação de molestia, pedindo-a sem vencimentos, donde se verifica que não visava tratar de saúde. Assim, só cumprindo a exigencia da inspecção poderá, no caso de laudo favoravel, obtel-a. — Publicado, vá o processo á Directoria Geral da Instrucção para que providencie sobre o illegal afastamento da supplicante, sob as penas da lei, não só pelos motivos expostos, como tambem porque sua classe está entregue a professora não diplomada.

D. MARIANA FALCÃO. — A licença foi concedida sem inicio declarado, visto a supplicante não haver justificado os respectivos requisitos legais. Para com o novo requerimento a

supplicante não produziu qualquer prova nova. Quando requereu a licença, estava em tratamento nesta Capital, e devia mandar seu requerimento á respectiva autoridade desta Capital, para a verificação do inicio allegado. Essa providencia foi determinada em circular, com instrucções detalhadas, de que foram notificados os professores por intermedio dos respectivos directores. Em vez de assim proceder, mandou o requerimento ao director em Guaratinguetá, que nada podia dizer sobre o caso, de modo que o tempo passou sem que ella satisfizesse a exigencia legal que é essencial. — Mantenho, á vista disso, o despacho anterior.

D. NOEMESIA GOULART. — Não tem logar o que requer, á vista da informação dada em 1.º de fevereiro ultimo, pela respectiva autoridade escolar, isto é, pelo director do Grupo de que a supplicante é adjunta. Nessa informação (fls. 1 v. do processo anterior) declarou esse director — “que pelo muito que lhe merecia a supplicante era levado a dar credito á allegação desta, inclusive sobre o facto material de estar de cama, que poderá sêr constatado por agentes do governo”. E’ estranhavel, pois, que a mesma autoridade na informação de fls. 1 v. do presente processo, datado de 9 do corrente, declare que — “os papeis da supplicante observaram os requisitos do inicio declarado,” quando é certo e consta da primeira informação que a supplicante estava e continúa em S. Paulo.

ABRIL — 1926:

D. CESALTINA SACRAMENTO E SILVA. — Sim, á vista do attestado e de accordo com a ultima informação da respectiva autoridade escolar, que estava na obrigação de prestal-a quando encaminhou o requerimento, em que a supplicante não fez, entretanto, menção de estar de cama ou em estado equivalente.

Nos requerimentos de licença com início declarado deverá sêr observada a exigencia do paragrapho segundo do artigo 16 do decreto n. 3.205, de 1920, sob as penas do mesmo paragrapho. E, uma vez que o interessado allega "estado equivalente ao do enfermo que está de cama," a autoridade escolar deverá verificar a realidade e informar quanto verificar, encaminhando em seguida.

JOÃO PEREIRA GOMES. — O requerimento anterior do supplicante foi indeferido por despacho de 6 de outubro do anno proximo findo, por não haver comparecido á inspecção nesta Capital, como fôra determinado. Communique-se ao director do respectivo Grupo.

LUIZ DOS SANTOS FILHO. — Indeferido. As faltas dadas pelo supplicante, de 11 a 28 de fevereiro proximo passado, são injustificaveis, por força da disposição expressa do art. 16, paragrapho 1.º do decreto n. 3.205, de 1920, combinado com a do art. 1.º, paragrapho unico da lei n. 1.521, de 1916.

O supplicante abandonou o exercicio do cargo, segundo confessa, por ter necessidade de vir a S. Paulo em tratamento de saúde; que não requereu licença, porque esta só lhe aproveitaria si concedida com início declarado, concessão que não podia obter, pois não estava de cama conforme exige a lei.

O supplicante ficou assim afastado do exercicio durante 18 dias sem requerer licença, e sciente e consciente de estar violando a lei, quando devia requerer immediatamente sua licença, porque embora não tendo direito a início determinado, justificaria por molestia o afastamento, dentro do prazo legal de oito dias.

Nenhum professor preliminar poderá estar fóra do exercicio por mais de oito dias, sinão em gozo de licença — determina expressamente a lei. E o supplicante esteve durante 18 dias, e só a 24 de março, quasi um mez depois de terminado o afastamento, é que requereu justificação de faltas, que não

cabia, nem cabe no caso, porque já havia incorrido na sanção do art. 16, paragrapho 1.º do citado decreto n. 3.205.

O art. 44 do decreto n. 3.858, de 1925, aprovado pela lei n. 2.685, não modificou os dispositivos citados, de que é méro complemento, pois com elle visou o legislador supprir uma lacuna quanto á data em que devia começar a correr o prazo para perda do cargo por abandono, e quanto á notificação para esse effeito.

Justificar as 18 faltas dadas nessas condições, seria, além de violar lei expressa, sancionar processo irregular para illudir o dispositivo do art. 17, paragrapho 2.º do mesmo decreto n. 3.205.

D. FANTINA FERREIRA LOBO. — Não se trata na especie de licença em prorrogação, mas de duas licenças differentes, a primeira das quaes independia de attestado medico e de allegação de molestia.

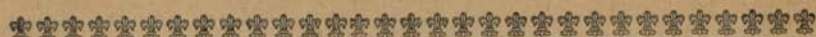
Nessas condições, era indispensavel a informação da autoridade escolar, pois que o requerimento encerra, na realidade, pedido de licença com inicio declarado. A' vista do exposto, concedo a licença, cujo prazo é de sessenta dias, contados da data em que fôr apresentada a respectiva portaria.

D. ALTINA MAYNARDES. — Não tem logar o que requer, á vista do laudo de inspecção com exame especializado, de 30 de janeiro, cujos effeitos não pódem ser invalidados por simples attestado medico, aliás sem declaração de molestia.

JOÃO VIANNA. — Indeferido, á vista das informações, que demonstram não haver o supplicante satisfeito as exigencias do art. 13, letra b, art. 14, da lei n. 1991, de 1924.

D. CLORINDA CRIVELANTE. — Não tem logar o que requer. O laudo de inspecção conclue affirmando que a supplicante não apresenta molestia apreciavel que justifique a licença requerida de dois mezes, requerida a fls. 1. Nessas condições não se comprehende que se modifique o indeferimento para se conceder licença pelo prazo de seis mezes, embora sem vencimentos. Verifica-se pela inspecção que a supplicante não necessita de licença, que não tem molestia alguma apreciavel e que justifique seu afastamento. Seja, pois, notificada a reassumir o exercicio na fórmula da lei e sob as penas desta.

D. SARAH DE ARAUJO. — Não tem cabimento a indicação da Secção, conhecida como deve sêr a orientação da Secretaria a proposito de licença para tratar de interesse. Accresce que para o caso indicado pela Secção — nupcias — a lei dispõe de fórmula differente. Quanto á licença nos termos do art. 42, do decreto n. 3858, de 1925, tambem essa depende de concessão de autoridade, sendo certo que a applicação desse dispositivo está sendo estudada pelo governo, em virtude de representação do Thesouro, baseada em discurso proferido na Camara dos Deputados por ocasião de sêr discutida a refórma. Nesses termos e porque se trata de concessão especial, constante de lei em vigor, a supplicante deverá aguardar solução, recorrendo ás disposições communs para qualquer licença de que tenha necessidade.



INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
-------------------------------	---

LIÇÕES PRATICAS:

Arithmetica	4
Geographia	6
Physica	9
Geometria	12
Educação civica e moral	15
Linguagem oral	16
Historia do Brasil	19
Physiologia	21

PEDOLOGIA:

A imaginação e suas variedades na criança	23
A evolução psychica da criança	25

LIÇÕES DE COISAS:

Farinhas	28
A enxertia	30
A póda	32
Plantas parasitas e insectos nocivos	33
A tinturaria	35
A casa	36
A gomma arabica	38
As nuvens	39

QUESTÕES GERAES:

Palestras sobre ensino	42
Educação physica nas escolas	45
Festas escolares — Passeios	47
Educação infantil	50

LITTERATURA INFANTIL

O bom caminho	53
Os protectores	54
O papagaio de papel de seda	57
O leão e a pulga	38
Como os sinos tangeram	59
Não maltratemos os animaes	61
O avô	62
O jardim da vovó	63
Tiradentes	65
O rato e o sapo	66

METHODOLOGIA:

Processo educativo	67
------------------------------	----

EDUCAÇÃO PHYSICA:

Jogos escolares	70
---------------------------	----

VULTOS E FACTOS:

Bernardino de Campos	77
--------------------------------	----

ESCOTISMO.	79
--------------------	----

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS:

Diabos a dar e vender	81
A "Yara"	82
Episodios de caçadas	82
"Pae João"	83
A onça e o macaco	84

LIVROS, REVISTAS ETC.	85
-------------------------------	----

SECRETARIA DO INTERIOR	87
----------------------------------	----



REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção: LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS:

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Numero avulso	2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

TYP. SIQUEIRA
Rua Líbero Badaró, 48
S. PAULO